

Revista Adventista

Ano 76 · Nº 822 · €1,90

Novembro 2015



O NOME DOS DIAS DA SEMANA

PROVAS IGNORADAS DA OBSERVÂNCIA DO SÁBADO NO
CRISTIANISMO ANTIGO



**OS QUATRO
IMPÉRIOS DE DANIEL
2 – PARTE II**

Uma interpretação
Adventista.

06



**MAS, AFINAL, QUEM É O
ESPÍRITO SANTO?**

A função do Espírito na vida
do crente.

30



**COMO ENCONTRAR
EQUILÍBRIO NA VIDA
CRISTÃ?**

O equilíbrio espiritual
é essencial.

33



Viver livre!

11

Segredos de Bem-estar

Substâncias viciantes como o álcool, a nicotina, a cocaína ou a cafeína estão a ter impacto na estrutura e no funcionamento do cérebro. Podem afetar todas

as funções psíquicas: consciência, percepção, memória, atenção, julgamento, imaginação e vontade. As dependências aumentam o risco de problemas mentais e físicos. Além disso, o álcool e o tabaco são líderes das causas de morte a nível mundial. Mas não tem de ser assim! As dependências podem ser superadas, embora isto envolva frequentemente um grande desa-

lio. Se luta com uma dependência, comece por tomar uma decisão pessoal de desistir e render a sua vontade a Deus, se é crente. Ajuda profissional e apoio social também ajudam no caminho para uma nova vida. Uma vida sem dependências é uma vida livre! ❤️

Pode começar hoje!



IGREJA ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

150
ANOS

PROMOÇÃO DA SAÚDE



QUEROVIVERMAIS



Dr. Adrian Horvath

Psiquiatra

Targu Mures, Roménia

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock
E-mail revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda.
Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



ARTIGO DE FUNDO

12

Dando nome aos dias da semana

Os nomes dos dias da semana no NT provam que os primeiros Cristãos consideravam o Sábado como sendo o dia de repouso e de adoração instituído por Deus.

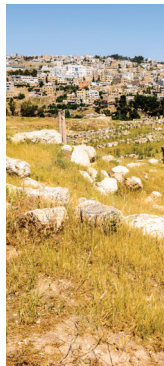


EVANGELISMO

20

O projeto Médico-Missionário Itinerante Viver +

Conheça um projeto missionário dinâmico e inovador cujos resultados o vão emocionar.



DEVOCIONAL

28

Simão, o Fariseu

“Sempre me incomodou o que Jesus disse a Simão, isto é, que as pessoas realmente más têm vantagem quando se trata de amar Deus.”

04 O SÁBADO, O SINAL ENTRE DEUS E O HOMEM

EDITORIAL

05 MEMO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

19 NOTÍCIAS NACIONAIS

25 OFERECE-SE UMA RECOMPENSA

ESPAÇO JUVENIL

06 OS QUATRO IMPÉRIOS DE DANIEL 2 – PARTE II > TEOLOGIA

Prosseguimos a identificação dos quatro impérios representados na estátua de metal que protagoniza o sonho de Nabucodonosor II, relatado no segundo capítulo do livro de Daniel.

26 O ESPÍRITO DE SAN ANTONIO > VOZES DA IGREJA

O relato em primeira mão de um delegado à 60ª Sessão da Assembleia da Conferência Geral.

30 MAS, AFINAL, QUEM É O ESPÍRITO SANTO? > BÍBLIA

De imediato, a pergunta parece estar deslocada, se provém de nós, homens e mulheres empenhados na vida comunitária da Igreja.

33 COMO ENCONTRAR EQUILÍBRIO NA VIDA CRISTÃ? > VIDA CRISTÃ

Não é fácil ser um Cristão equilibrado nos dias de hoje, pois temos que conjugar a vida quotidiana com a vida devocional.





O Sábado, o sinal entre Deus e o homem

“O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:27). No Seu infinito amor, Deus criou o Sábado para nele se relacionar com o homem de uma maneira particular e especial. Assim, “abençoou Deus o sétimo dia e o santificou” (Gênesis 2:3), isto é, Deus separou o sétimo dia para uso santo. Com a entrada do pecado no nosso mundo, Deus sentiu, por diversas vezes, a necessidade de lembrar ao homem a verdade acerca do Sábado. De uma forma manifesta e visível, Deus deu duas tábuas de pedra a Moisés com os Dez Mandamentos, entre os quais o quarto mandamento, o mandamento sobre o Sábado (Êxodo 20:8). Mais tarde, através do profeta Ezequiel, Deus lembrou o Seu povo de que existe um sinal que é o selo da aliança existente entre eles. Esse sinal é o Sábado. “E também lhes dei os meus sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles: para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica” (Ezequiel 20:12). Durante toda a história do Antigo Testamento, o povo de Deus foi sempre chamado a respeitar o Sábado; respeitá-lo como memorial da Criação, como sinal

entre Deus e o homem e como símbolo da sua pertença ao Deus Criador. No Novo Testamento, Jesus disse que veio para cumprir a lei de Deus (Mateus 5:17), pelo que continuou a santificar e a preservar o sétimo dia que tinha instituído. Por isso, Ele disse: “Porque o Filho do homem até do sábado é Senhor” (Mateus 12:8). Depois da morte de Jesus, os discípulos continuaram a santificar o Sábado e a defender a sua observância por parte de todos aqueles que se uniam à Igreja.

Satanás empenhou-se desde o início numa luta terrível contra o sinal de Deus. Por diversas vezes ele procurou anular o Sábado, influenciando os homens a fim de invalidarem o dia do Senhor. Assim, no dia 7 de março de 321 d.C., o Imperador Constantino promulgou a primeira lei civil em favor da observância do domingo. Esta lei dizia, em parte, o seguinte: “Devem os magistrados e as pessoas residentes nas cidades repousar, e todas as oficinas devem ser fechadas no venerável dia do Sol.” Caso o Sábado tivesse sido abolido por Jesus ou pelos Seus apóstolos no Novo Testamento, porque haveria a necessidade de se promulgar um decreto dominical? Nunca foi da

vontade de Deus que a Sua santa lei fosse revogada e reescrita, embora esses atos humanos já fossem previstos no Velho Testamento: “E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei” (Daniel 7:25). No entanto, através da Sua graça e da Sua misericórdia, Deus sempre preservou, ao longo da História, um povo que observasse o Sábado. Infelizmente, nos nossos dias, temos um mundo de costas voltadas para Deus, por ignorância ou deliberadamente. Deixaram de guardar e de respeitar o Sábado como dia do Senhor. Mas a grande promessa de Deus é a de que o Sábado jamais desaparecerá. Ele continuará a ser observado neste mundo e também no mundo vindouro. Por isso, Deus prometeu pela boca do Seu profeta: “E será que desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor” (Isaías 66:23). Participarmos ou não na experiência de observar o Sábado na Nova Terra depende apenas da nossa escolha. ✦

• **Pr. António Rodrigues,**
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

novembro

| | |
|---------|------------------------------------|
| 07-14 | Semana de Oração e Sacrifício |
| 08 e 09 | Conselho Anual |
| 20-22 | Encontro de Profissionais de Saúde |
| 22-24 | Convenção pastoral |
| 28 | ROIG Alentejo e Algarve |
| 29 | ROIG Lisboa |

dezembro

| | |
|-------|------------------------------|
| 05 | ROIG Centro |
| 05 | Dia da Mordomia |
| 06 | Dia do Voluntário Adventista |
| 27-29 | Convenção de Colportores |

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

novembro

| | |
|-------|-------------------------------------|
| 02-06 | Associação Baden-Wuerttemberg (SGU) |
| 09-13 | Casa Publicadora Advent-Verlag (SU) |
| 16-20 | União Búlgara (BU) |
| 23-27 | Casa Publicadora Búlgara (BU) |

dezembro

| | |
|-------|--|
| 05-09 | Associação Belga-Luxemburguesa (FBU) |
| 12-16 | Clínica La Lignière (BUD) |
| 19-23 | Associação Norte do Reno-Westfália (NGU) |
| 26-30 | Associação da Transilvânia do Sul (RU) |

ANTENA 1  RTP2 

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

| | |
|-------|---------------|
| 11/11 | Quarta-feira |
| 23/11 | Segunda-feira |
| 21/12 | Segunda-feira |
| 24/12 | Quinta-feira |

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

| | |
|-------|---------|
| 06/12 | Domingo |
|-------|---------|



BANCO DE LEITURA

O Sábado na Bíblia

Alberto R. Timm

A doutrina sobre o Sábado é uma das doutrinas fundamentais que definem a experiência de fé dos Adventistas do Sétimo Dia. Assim, é inusitado alguém declarar ser Adventista do Sétimo Dia mas não ser capaz de dar

as razões bíblicas para a aceitação e a observância do Sábado. Se o Leitor não deseja encontrar-se nesta ingrata posição, e pretende aprofundar o seu conhecimento bíblico sobre a doutrina do Sábado, tenho o livro perfeito para lhe propor. O teólogo Alberto R. Timm escreveu um pequeno livro

– de apenas 124 páginas – que aborda com profundidade o tema do Sábado, expondo os seus fundamentos na Bíblia. Timm começa por esboçar os princípios de interpretação bíblica que vão reger a sua investigação. Em seguida, tematiza a origem do Sábado, discutindo o texto de Génesis 1-11. Depois, aborda o Sábado no Antigo Testamento, no período inter-testamentário e no Novo Testamento. Timm discute também a mudança do Sábado para o domingo e o significado do Sábado. Por fim, o autor apresenta algumas observações pertinentes sobre a observância do Sábado. Como nos diz Alberto Timm na introdução: “Este estudo tem por objetivo apresentar uma visão geral do ensino bíblico sobre o Sábado baseada em princípios de interpretação que permitam que a própria Bíblia exponha o que ela tem a dizer sobre o assunto.” Podemos garantir que o autor conseguiu verdadeiramente alcançar o seu objetivo aqui exposto. Assim, depois de ler esta pequena obra, o Leitor poderá perceber com toda a profundidade por que razão Deus faz questão de reservar um dia. No fim da leitura, concluirá que Deus realmente instituiu o Sábado para benefício de toda a Humanidade, e sentirá um desejo renovado de entrar nesse magnífico santuário de Deus no tempo. Não hesite e adquira este acessível livro. Verá que a sua leitura vale a pena. ✎



Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

PARTE II

Os quatro impérios de Daniel 2



Neste artigo damos continuidade à identificação dos quatro impérios representados na estátua de metal que protagoniza o sonho de Nabucodonosor II relatado no segundo capítulo do livro de Daniel. No artigo anterior expusemos o significado simbólico da estátua metálica e identificámos historicamente o império que correspondia à sua cabeça de ouro. No presente artigo iremos identificar historicamente as restantes partes da estátua metálica e, depois, retiraremos as conclusões pertinentes.

Medo-Pérsia, o peito e os braços de prata (Daniel 2:32b, 39a)

Daniel continua a descrição da estátua de metal e a interpretação

do seu simbolismo, afirmando que “o seu peito e os seus braços [eram] de prata” (Dan. 2:32b). Que império é representado pelo peito e pelos braços de prata da estátua? Daniel responde a esta interrogação declarando que, depois do império Neo-Babilónico incarnado em Nabucodonosor II, “se erguerá um outro reino, inferior a ti” (Dan. 2:39a). Portanto, ao império Neo-Babilónico deveria suceder um outro império. Este império seria “inferior” ao império Neo-Babilónico, como a prata é menos preciosa do que o ouro e como o peito e os braços são menos importantes do que a cabeça. De acordo com o que dissemos anteriormente, esta inferioridade observar-se-ia no menor esplendor civilizacional e económico deste segundo império representado pela prata. Mas, como também dissemos anteriormente, dado que a prata é um metal mais forte do que o ouro, também este segundo império seria militarmente mais forte, dominando politicamente um território maior.



Este império seria também caracterizado por uma dualidade política, representada simbolicamente pelos dois braços da estátua.¹ Pois bem, qual foi o império que sucedeu ao império Neo-Babilónico e que apresentou as características que acabámos de referir? Para respondermos a esta pergunta, devemos interrogar o próprio Daniel. De facto, o livro de Daniel dá-nos uma resposta clara a esta questão. Antes de verificarmos qual é esta resposta, devemos reafirmar a unidade do livro de Daniel como princípio explicativo fundamental. Quer isto dizer que partimos do princípio de que o livro de Daniel constitui uma unidade indivisível, estando as suas partes interconectadas e tendo sido escrito por um mesmo autor.²

Assim sendo, podemos afirmar que, segundo o livro de Daniel, foi o império Medo-Persa que sucedeu ao império Neo-Babilónico. De facto, no quinto capítulo de Daniel é claramente afirmado que o império Neo-Babilónico seria substituído pelo império Medo-Persa. Dirigindo-se a Belshazar, filho e corregente de Nabonido, último rei de Babilónia, Daniel afirma: “O teu reino foi dividido e entregue aos Medos e aos Persas” (Dan. 5:28). Note-se que o império de Babilónia foi “dividido” (*perisath*, no aramaico), não no sentido em que uma parte teria sido entregue aos Medos e outra aos Persas, mas na medida em que foi quebrado, deixou de existir e passou a integrar o império Medo-Persa. Que Babilónia passou a ser parte de um império Medo-Persa uno é mostrado no sexto capítulo de Daniel.³ De facto, neste capítulo é claramente dito que o rei Dario, que tomou posse de Babilónia (cf. Dan. 5:31; 6:1; 9:1), se regia e regia o seu Estado pela “lei dos Medos e dos Persas” (Dan.

6:8, 12, 15), da mesma forma que o rei Persa Xerxes (ou Assuero), um dos posteriores “reis da Média e da Pérsia” (Est. 10:2), estava sujeito “às leis dos Persas e dos Medos” (Est. 1:19. Cf. Est. 1:3, 14, 18 e 19). É verdade que o rei Dario é considerado como sendo “Medo” de ascendência (Dan. 6:1; 9:1; 11:1). No entanto, é muito provável que este Dario mais não seja do que o próprio rei Ciro, o Persa. De facto, em Daniel 6:28 é dito que “este Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario, e no reinado de Ciro, o persa”. Ora, de acordo com a gramática aramaica, a conjunção coordenativa “e” (a letra *waw*, no aramaico) que surge nesta frase pode ter um sentido *explicativo*. Neste caso, deveria entender-se a frase citada do seguinte modo: “no reinado de Dario, isto é, no reinado de Ciro, o persa.”⁴ O oitavo capítulo de Daniel também corrobora a tese de que foi o império Medo-Persa que sucedeu ao império Neo-Babilónico. Neste capítulo, datado do terceiro ano do reinado do corregente neo-babilónico Belshazar, Daniel contempla em visão “um carneiro”. Este “carneiro”, que representa, na sua singularidade e unidade, um único império, é identificado pelo anjo Gabriel como sendo o símbolo dos “reis da Média e da Pérsia” (Dan. 8:20). Note-se que este “carneiro” é visto por Daniel quando o domínio do império Neo-Babilónico se aproximava do fim, pois quem o governava à data da visão era Belshazar, em corregência com o seu pai, o rei Nabonido (Dan. 8:1. Cf. 5:1, 30 e 31). Portanto, é claro que o império unitário representado pelo “carneiro” deveria suceder ao império Neo-Babilónico. Ora, como vimos, o “carneiro” é identificado com o império Medo-Persa.⁵ Finalmente, o sétimo capítulo de Daniel também nos mostra que

foi o império Medo-Persa que sucedeu ao império Neo-Babilónico. De facto, este capítulo apresenta uma sucessão de quatro animais, que representam os quatro impérios mediterrânicos que se sucederam na história do Médio Oriente. Todos os comentadores estão de acordo com o facto de o primeiro animal, um leão alado, simbolizar o império Neo-Babilónico. Imediatamente a seguir é-nos apresentado um “urso”. Este “urso” apresenta-se “erguido de um lado” ou “levantado de um lado” (Dan. 7:5). Que império é representado por este “urso”? Quando comparamos o símbolo do “urso” apresentado pelo capítulo 7 de Daniel com o símbolo do “carneiro” apresentado no capítulo 8 do mesmo livro, que é claramente identificado com o império Medo-Persa, chegamos à conclusão de que o “urso” representa também o império Medo-Persa. De facto, do mesmo modo que o “urso” está “levantado de um lado”, também o “carneiro” tinha “dois chifres: os dois chifres eram altos, mas um era mais alto do que o outro, e esse mais alto foi o que apareceu por último” (Dan. 8:3). Sabemos que o símbolo dos dois chifres representa a dualidade de povos no império Medo-Persa. O chifre mais alto simboliza o poder Persa dominante e o chifre mais baixo o poder Medo subordinado. É dito do chifre persa, “mais alto”, que “apareceu por último” porque, inicialmente, os Persas estiveram submetidos aos Medos, mas com Ciro, em 550 a.C., a relação de poder inverteu-se e os Persas passaram a dominar os Medos. Ora, do mesmo modo que o “urso” está “levantado de um lado”, também o “carneiro” tem um chifre “mais alto do que o outro”. Estas duas características simbólicas dos dois animais são equivalentes. Elas representam o

mesmo aspeto do império Medo-Persa: o facto de que o poder Persa era superior ao poder Medo no império em que ambos os povos estavam associados. Portanto, o “urso” e o “carneiro” representam o mesmo império. Dado que sabemos que o “carneiro” representa o império Medo-Persa, também o “urso” o deve representar. E uma vez que o “urso” sucede ao “leão alado”, que representa o império Neo-Babilónico, então devemos concluir que, no sétimo capítulo de Daniel, o segundo império na sucessão dos quatro impérios é o império Medo-Persa.⁶

De facto, a História corrobora esta identificação do segundo império com o império Medo-Persa, pois foi efetivamente este império que conquistou Babilónia. O império Medo-Persa deteve a hegemonia geo-política no Mediterrâneo Oriental de 539 a.C., data em que o persa Ciro conquista Babilónia, até 331 a.C., ano em que o greco-macedónio Alexandre derrota o último rei persa, Dario III Codomano, na Batalha de Arbela, e se torna senhor do Médio Oriente.⁷ Mas, de que modo foi o império Medo-Persa, por um lado, mais forte do que o império Neo-Babilónico e, por outro lado, “inferior” a ele? O império Medo-Persa foi militarmente mais poderoso do que o império Neo-Babilónico e cobriu um território mais extenso do que o dele, estendendo-se do rio Indo até ao Mediterrâneo, e do Danúbio até ao Oceano Índico, ocupando a Pérsia, a Ásia Menor, a Babilónia, a Síria, a Palestina e o Egito. No entanto, foi-lhe inferior na riqueza, no luxo e na magnificência, bem como na cultura. De facto, a cultura Medo-Persa era rústica quando comparada com a rica cultura Babilónica, pelo que os reis Medo-Persas adotaram a cultura mais avançada e mais complexa de Babi-

lónia. É interessante que o império Medo-Persa seja representado pela prata, dado que os reis persas cobravam os seus impostos em prata, pois esta estabelecia o padrão monetário no império (Heródoto, *Histórias*, 3.89-95). Assim, a prata aludia à riqueza do império Medo-Persa (Dan. 11:2), que era considerável, apesar de ser inferior à riqueza de Babilónia.⁸

Grécia-Macedónia, o ventre e as coxas de bronze (Daniel 2:32c, 39b)

Daniel prossegue descrevendo a estátua e interpretando o seu simbolismo, ao declarar que “o seu ventre e as suas coxas [eram] de bronze” (Dan. 2:32c). Que império é representado pelo ventre e pelas coxas de bronze? O profeta dá-nos uma resposta enigmática, ao declarar que viria “um terceiro reino, de bronze, que dominará sobre toda a terra” (Dan. 2:39b). Portanto, ao império Medo-Persa deveria seguir-se um outro império. Este império seria menos nobre do que o império Medo-Persa, do mesmo modo que o bronze é menos precioso do que a prata e que o ventre e as coxas são menos importantes do que o peito e os braços. Como se verificaria esta inferioridade? Num menor esplendor económico deste terceiro império representado pelo bronze. No entanto, como dissemos anteriormente, dado que o bronze é um metal mais forte do que a prata, também este terceiro império seria militarmente mais forte, dominando politicamente um território ainda maior do que o dominado pelo império Medo-Persa. De facto, Daniel diz deste terceiro império que ele “dominará sobre toda a terra”. Esta hipérbole é significativa, pois mostra que há um crescente aumento da área dominada pelos sucessivos impérios re-

presentados na estátua de metal. Convém agora perguntar: qual foi o império que sucedeu ao império Medo-Persa e que apresentou as características já indicadas? Para darmos resposta a esta questão, devemos mais uma vez interrogar o próprio Daniel, pois o seu livro dá-nos uma resposta inequívoca a esta pergunta. De facto, podemos afirmar que, segundo o livro de Daniel, foi o império Greco-Macedónio que sucedeu ao império Medo-Persa.

No oitavo capítulo de Daniel verificamos que o profeta hebreu contempla em visão um “carneiro” com dois chifres, um mais alto do que o outro, que “dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o meio dia; e nenhuns animais podiam estar diante dele” (Dan. 8:4). Este animal, como vimos, é identificado por Daniel como sendo a representação simbólica do império Medo-Persa (Dan. 8:20). No seguimento da visão, Daniel vê um “bode” que “vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; e aquele bode tinha uma ponta notável entre os olhos” (Dan. 8:5). Este “bode” ataca o “carneiro” e derrota-o totalmente (Dan. 8:6 e 7). Depois da sua vitória, estando no auge do seu poder, o bode vê quebrar-se a sua “ponta notável” e subiram no seu lugar quatro [pontas], também notáveis, para os quatro ventos do céu” (Dan. 8:8). O anjo Gabriel identifica este “bode” como sendo o “rei da Grécia” (Dan. 8:21). Sabemos que, aqui, o termo “rei” significa, na realidade, “reino”, pois logo a seguir nos é dito que “a ponta grande, que tinha entre os olhos, é o primeiro rei” desse reino (Dan. 8:21). Também nos é dito que o facto de esta ponta grande “ter sido quebrada, levantando-se quatro em lugar dela”, significa que “quatro reinos se levantarão da

mesma nação, mas não com a força” da ponta grande (Dan. 8:22). Estas informações transmitidas por Gabriel a Daniel permitem concluir que o “bode” representa o império Greco-Macedónio, fundado e liderado por Alexandre Magno, o seu primeiro rei. É-nos dito também que Alexandre – a “ponta notável” ou “grande” – desaparecerá no auge do poder deste império e que o império Greco-Macedónio daria finalmente origem a “quatro reinos” da “mesma nação”. Esta é uma referência aos quatro reinos helenísticos dos Diádocos, que surgiram após o desaparecimento de Alexandre e após a divisão do seu extenso império. Portanto, fica claro que, segundo o capítulo oitavo de Daniel, seria o império Greco-Macedónio a suceder ao império Medo-Persa. Esta conclusão é reforçada pela interpretação do sétimo capítulo do mesmo livro. De facto, neste capítulo Daniel contempla em visão quatro animais que surgem do mar revolto. Todos os comentadores concordam que estes animais representam quatro impérios que se sucederam na História e que o primeiro destes impérios – representado por um leão alado – é o império Neo-Babilónico. Já vimos também que o segundo império – representado por um urso – é o império Medo-Persa. Que império é então simbolizado pelo “leopardo” com “quatro asas” e “quatro cabeças” (Dan. 7:6)? Isto é, que império sucedeu ao império Medo-Persa? A resposta para estas perguntas encontra-se quando comparamos as características do “bode” do capítulo oito com o “leopardo” do capítulo sete. Do mesmo modo que o “bode” avança com tal velocidade que corre “sobre a terra, mas sem tocar no chão” (Dan. 8:5), também o “leopardo” tem “quatro asas de ave nas suas costas” (Dan. 7:6).

A posse destas asas indica simbolicamente a grande velocidade do animal. Portanto, tal como acontece com o “bode”, o “leopardo” – que, em si mesmo, já é um animal caracterizado pela sua celeridade –, representa um império que se notabilizou pela velocidade das suas conquistas. Em segundo lugar, do mesmo modo que o “bode” possui “quatro chifres” que nascem depois do “chifre notável” ser quebrado e que representam “quatro reinos” da mesma “nação” (Dan. 8:8; 8:21 e 22), também o “leopardo” possui “quatro cabeças” (Dan. 7:6), que indiciam uma divisão no seio da mesma nação. Esta nação é originalmente uma, pois é representada por *um* leopardo, mas, após um período de unidade, dá origem a quatro reinos distintos. Portanto, dado que o “leopardo” possui as mesmas características essenciais do “bode” e dado que o “bode” é claramente uma representação do império Greco-Macedónio (cf. Dan. 8:21), somos obrigados a concluir que também o “leopardo” alado com quatro cabeças o deve representar. E uma vez que o “leopardo” sucede ao “urso” (Dan. 7:5 e 6), que, como vimos, representa o império Medo-Persa, então devemos concluir que, no sétimo capítulo de Daniel, o terceiro império na sucessão dos quatro impérios é o império Greco-Macedónio. Foi o império Greco-Macedónio que sucedeu ao império Medo-Persa. Finalmente, o décimo primeiro capítulo de Daniel também mostra claramente que, para Daniel, o império Persa é sucedido pelo império Greco-Macedónio (Dan. 11:2-4).

Alexandre Magno foi o fundador do império Greco-Macedónio. Ele reinou sobre o seu império de 336 a 323 a.C., tendo morrido aos 33 anos. Pode-se dizer do império Greco-Macedónio de Alexandre

Magno que realmente dominaria “sobre toda a terra”, pois ele abarcava a Macedónia, a Grécia, o antigo império Persa (incluindo o Egito) e ainda se estendia até às fronteiras da Índia. Foi o maior império em extensão territorial até então. Depois da morte de Alexandre em 323 a.C., o império Greco-Macedónio foi dividido pelos seus generais. Estes lutaram entre si, até que, em 301 a.C., após mais de duas décadas de conflito, o seu número ficou reduzido aos quatro Diádocos: Cassandro, Ptolomeu, Seleuco e Lisímaco. Ptolomeu governou o Egito, a Líbia e a Palestina. Seleuco reinou sobre a Babilónia e a Síria. Cassandro apoderou-se da Macedónia e da Grécia. Lisímaco dominou a Trácia e a Ásia Menor até ao Tauro. Assim, o império Greco-Macedónio de Alexandre acabou por se dividir em quatro partes, dando origem a quatro monarquias helenísticas. Portanto, o império Greco-Macedónio fundado por Alexandre, mesmo depois de dividido, manteve a hegemonia no Mediterrâneo Oriental de 331 a.C. até 146 a.C.. A primeira data assinala a vitória de Alexandre Magno sobre o rei persa Dario III na batalha de Arbela, que levou à conquista definitiva do império Medo-Persa pelos Gregos e Macedónios, e a segunda data marca o momento em que Roma anexou no seu império o reino helenístico da Macedónia.⁹

O império Greco-Macedónio é bem representado pelo bronze, pois Ezequiel 27:13 liga o comércio de bronze com os Gregos (designados por “*Javan*”, o seu nome na língua hebraica). Os soldados gregos também eram famosos pelas suas armaduras em bronze. Heródoto relata que, quando o faraó egípcio Psamético I consultou o oráculo de Laton, em busca de um meio para se vingar dos seus

inimigos Persas, a resposta do oráculo foi que “a vingança viria do mar e ocorreria às mãos de homens de bronze”. O monarca egípcio não ficou satisfeito com a resposta do oráculo, até que se deu o naufrágio, nas costas do Egito, de um navio cheio de soldados gregos vestidos com as suas armaduras de bronze e ele pôde constatar que os “homens de bronze” eram os Gregos (Heródoto, *Histórias*, 1.152, 154).¹⁰

Roma, as pernas de ferro (Daniel 2:33a, 40)

Daniel continua a descrever a estátua de metal e a interpretar o seu significado, declarando que “as suas pernas [eram] de ferro” (Dan. 2:33a). Que império é simbolizado pelas pernas de ferro? Daniel responde enigmaticamente, afirmando que “um quarto reino será forte como o ferro. Do mesmo modo que o ferro pulveriza e parte tudo, e como o ferro que esmaga todos, ele pulverizará e esmagará todos estes” (Dan. 2:40). Logo, ao império Greco-Macedónio deveria suceder um outro império, que tomaria o seu lugar na cena internacional. Este império seria inferior ao império Greco-Macedónio, do mesmo modo que o ferro é menos precioso do que o bronze e que as pernas são menos importantes do que o ventre e as coxas. Segundo o que dissemos anteriormente, esta inferioridade verificar-se-ia no menor esplendor económico deste quarto império representado pelo ferro. Mas, dado que o ferro é mais forte do que o bronze, também este quarto império seria militarmente mais forte, dominando um território ainda maior. Que este quarto império seria o mais forte de todos os que até aqui foram referidos é sublinhado pelo próprio Daniel. De facto, ele afirma explicitamente que o quarto

império será “forte como o ferro” e que ele “esmagaria” “todos estes” outros impérios. Isto significa que o império representado pelas pernas de ferro dominaria militar e politicamente os territórios dos anteriores impérios. Significa igualmente que o domínio político-militar exercido por este quarto império sobre os territórios por ele controlados seria inexorável e incontestável. Resta-nos perguntar: qual foi o império que sucedeu ao império Greco-Macedónio e que apresentou os traços essenciais que acabámos de mencionar? Ao contrário do que aconteceu com os três impérios anteriores, o livro de Daniel não identifica explicitamente este quarto império. É bastante claro que este império representado no segundo capítulo de Daniel é o mesmo que também é representado no capítulo sete. Neste sétimo capítulo, Daniel contempla em visão um quarto animal “muito forte”, que tinha “dentes de ferro” e que “devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava” (Dan. 7:7; cf. 7:19, 23). É evidente o paralelo existente entre este animal indescritível, que seria “o quarto reino na terra” (Dan. 7:23), e o “quarto reino” “forte como o ferro”, que pulverizaria e esmagaria os reinos anteriores (Dan. 2:40). Ora bem, qual foi o império que sucedeu ao império Greco-Macedónio no controlo da hegemonia no Mediterrâneo oriental e que demonstrou ser terrivelmente forte, tanto em termos políticos, como em termos militares? A História só nos deixa uma opção para identificarmos este “quarto reino”. Trata-se do império de Roma.

O império romano deteve a hegemonia de 146 a.C. a 476 d.C.. A primeira data marca o momento em que Roma anexou o reino helenístico da Macedónia como sua

província, dando início à conquista sucessiva das diversas partes do dividido império Greco-Macedónico. A segunda data estabelece o ano em que Rómulo Augústulo, o último imperador romano do Ocidente, foi deposto pelo bárbaro Odoacro. Portanto, a partir de 146 a.C., Roma dominou e, depois, absorveu gradualmente os três reinos helenísticos sobreviventes criados pelos sucessores de Alexandre Magno. Este processo de absorção política e militar durou cerca de 125 anos. Por volta do ano 30 a.C. este processo estava concluído, com a transformação do Egito ptolemaico numa província do império romano. Roma tornou-se assim na grande potência imperial que se seguiu ao império Greco-Macedónico, tendo conquistado o seu extenso território graças ao poder militar das suas legiões ou graças ao medo que esse poder militar infundia nos seus adversários. Esmagando um oponente a seguir ao outro – da destruição de Cartago até à aniquilação do Estado Judeu –, Roma tornou-se na conquistadora irresistível do mundo do Mediterrâneo e da Europa Ocidental. O império Romano tornou-se no mais duradouro e no mais extenso dos quatro impérios. No segundo século da nossa era, o seu território estendia-se da Grã-Bretanha até ao Eufrates e do Danúbio até ao deserto da Arábia. Enquanto os três anteriores impérios mencionados pela profecia tinham durado cerca de 200 anos cada um, a hegemonia do império romano durou mais de 600 anos.¹¹

Conclusão

Terminámos a identificação histórica dos quatro reinos metálicos representados pela estátua de metal descrita no segundo capítulo do livro de Daniel. Cremos ter

demonstrado a correção da “hipótese romana” que expusemos na introdução ao primeiro artigo desta série de artigos. De facto, ficou claro que os impérios representados pela estátua metálica são o império Neo-Babilónico, o império Medo-Persa, o império Greco-Macedónico e o império Romano. Ao demonstrarmos a correção da “hipótese romana”, alcançámos os três objetivos a que nos tínhamos proposto na introdução ao primeiro artigo. Primeiro, por exclusão de partes, mostrou-se que a “hipótese grega” sustentada pelos teólogos liberais não é válida. Segundo, mostrámos assim que não há qualquer razão exegética para se argumentar que o segundo capítulo do livro de Daniel teria sido escrito por volta de 164 a.C., como pretendem os teólogos liberais. Fica deste modo sustentada a datação original do segundo capítulo proposta pelo próprio livro de Daniel, isto é, fica determinado que o sonho foi originalmente dado a Nabucodonosor II no seu segundo ano de reinado (603 a.C.) e que ele foi redigido pelo próprio Daniel durante o fim da vida deste (após 536 a.C.). Terceiro, demonstrámos também que o sonho de Nabucodonosor II foi divinamente inspirado, pois apenas o Deus onisciente poderia possuir, no ano 603 a.C., o conhecimento prévio do desenrolar da História, de 605 a.C., data do início da hegemonia política do império Neo-Babilónico, até 476 d.C., ano do fim do império Romano no Ocidente.

Num próximo artigo iremos procurar identificar historicamente o “reino dividido” representado pelos pés e pelos dedos de ferro e de barro da estátua metálica (Dan. 2:33b, 41-43). Graças às bases que lançámos, ao identificarmos com segurança os quatro impérios simbolizados pela estátua de

metal, estamos em condições de determinar também a identidade histórica do “reino dividido” e de antever a sua evolução futura, até à instauração do reino messiânico, que porá fim à história humana tal como a conhecemos. ✎

• Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

1. J. E. H. Thomson, *Daniel* (The Pulpit Commentary), London/New York: Furk & Wagnalls, [s.d.], p. 70.
2. Para os argumentos que estabelecem a unidade do livro de Daniel veja-se William H. Shea, “Unity of Daniel”, in Frank B. Holbrook (ed.), *Symposium on Daniel* (Daniel and Revelation Committee Series, vol. 2), Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986, pp. 165-255.
3. Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel – A Commentary*, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1949 [n. ed., 1980], pp. 284 e 285.
4. Para a identificação de Dario com Ciro, veja-se William H. Shea, “Darius the Mede in his Persian-Babylonian setting”, in *Andrews University Seminary Studies*, Autumn 1991, vol. XXIX (3), pp. 235-257.
5. Edward J. Young, *Op. cit.*, pp. 285 e 286; Andrew E. Steinmann, *Daniel* (Concordia Commentary), Saint-Louis: Concordia Publishing House, 2008, p. 150.
6. William H. Shea, *Daniel – A Reader’s Guide*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2005, p. 134; Stephen R. Miller, *Daniel* (The New American Commentary, vol. 18), Nashville, Tenn.: B. & H., 1994, p. 95; Edward J. Young, *Op. cit.*, p. 286; Jean Zurcher, “Les quatre empires universels”, in Pierre Winandy, *Daniel – Questions Débatues*, Collonges-sous-Salève: Seminaire Adventiste, 1980, pp. 158 e 159.
7. Carl Grimberg, *História Universal – Volume 2: Os Persas. De Micenas à Grécia Clássica*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1965, pp. 13-23; John B. Harrison e Richard E. Sullivan, *A Short History of Western Civilization*, 3rd ed., New York: Alfred A. Knopf, 1971, pp. 69-75; V. Diakov e S. Kovalev, *História da Antiguidade – A Sociedade Primitiva; o Oriente*, Lisboa: Editorial Estampa, 1976, pp. 304-315.
8. Jacques B. Doukhan, *Secrets of Daniel – Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, p. 31; Gerhard Pfandl, *Daniel, the Seer of Babylon*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004, p. 27; Roy Allan Anderson, *Unveiling Daniel and Revelation*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2006, p. 50.
9. Para o relato histórico da aventura de Alexandre Magno e das guerras de sucessão que deram origem aos reinos helenísticos dos quatro Diádocos, veja-se Jean Hatzfeld, *História da Grécia Antiga*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 3^a ed., 1988, pp. 251-274; Marie-Claire Amouretti e Françoise Ruzé, *O Mundo Grego Antigo*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, pp. 290-301; Carl Grimberg, *História Universal – Volume 3: Do Apogeu da Grécia Clássica à Civilização Helenística*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1966, pp. 163-197.
10. Francis D. Nichol (ed.), *A Verse by Verse Commentary on Daniel and the Revelation* (Sections of Volume IV and VII of the Seventh-day Adventist Bible Commentary), Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980 (1st ed. 1957), pp. 773 e 774; Jacques B. Doukhan, *Op. cit.*, pp. 31 e 32; Gerhard Pfandl, *Op. cit.*, p. 27; Roy Allan Anderson, *Op. cit.*, pp. 50 e 51.
11. John B. Harrison e Richard E. Sullivan, *A Short History of Western Civilization*, 3rd ed., New York: Alfred A. Knopf, 1971, pp. 151-242.



Dando nome aos dias

PROVAS IGNORADAS DA OBSERVÂNCIA
DO SÁBADO NO CRISTIANISMO ANTIGO

Desde o relato da Criação até aos altos e baixos da história de Israel, narrada no Velho Testamento, passando pelo poderoso movimento do Êxodo, o Sábado destaca-se como o memorial da Criação e da Redenção e como um dia único de adoração e de confraternização para o povo de Deus. Mas, e no que toca ao Novo Testamento? Os apóstolos e os primeiros Cristãos guardaram o Sábado? Ou a morte de Jesus na cruz marcou o início de uma nova realidade no que toca ao Sábado? A resposta a estas perguntas afeta a atitude que adotamos hoje para com o Sábado, porque, enquanto Cristãos, nós procuramos emular a fé e a prática da Igreja primitiva.

Três perspetivas principais se destacam no que diz respeito à

atitude dos primeiros Cristãos para com a observância do Sábado. Primeira, Jesus, os apóstolos e os primeiros Cristãos continuaram a observar o Sábado, tal como tinha sido feito nos tempos do Velho Testamento. Segunda, deu-se uma transição da observância do Sábado para a observância do domingo nos primeiros séculos da história cristã, com o domingo a tomar gradualmente o lugar do Sábado. Terceira, o conceito do próprio Sábado sofreu uma mudança total, isto é, com a morte de Jesus o Sábado foi totalmente abolido, pelo que agora já não existe um dia santo no ciclo semanal e todos os dias são iguais.

Este estudo não irá tentar apresentar uma resposta abrangente a todas as questões envolvidas. Em vez disso, ele irá focar-se

num aspeto: Os nomes dos dias da semana no Novo Testamento e noutra literatura cristã. Vai-se mostrar como estes nomes contribuem para se dar uma resposta ao debate atrás esboçado.

O Novo Testamento dá-nos nomes para três dos dias da semana: o primeiro, o sexto e o sétimo; ou, em linguagem moderna, o domingo, a sexta-feira e o Sábado. Nós iremos começar por analisar estes dias e por explorá-los em ordem inversa, antes de olharmos para os dias da semana remanescentes noutra literatura cristã.

O sétimo dia

O Novo Testamento chama ao sétimo dia “Sábado”, em grego, *sabbaton*.¹ Esta palavra traduz o termo hebraico *shabbat* (Sábado), que, por sua vez, vem do verbo

da semana

shabat, “Cessar, desistir, descansar”,² um termo que denota o dia bíblico de repouso e de adoração. *Sabbaton* aparece 68 vezes no Novo Testamento, sempre relacionado com o sétimo dia, com a possível exceção de Colossenses 2:16.³

Biblicamente falando, *Shabat* é um título, não um nome. Quando falamos de João Batista, “João” é o nome e “Batista” é o seu título, que define o seu papel.⁴ Quando nos referimos ao apóstolo Paulo, “Paulo” é o seu nome e “apóstolo” o seu título.⁵

Do mesmo modo, quando lemos “Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus” (Êxo. 20:10),⁶ o nome do dia é “sétimo”. Um tal uso concorda com a prática dos Hebreus, tanto nos tempos bíblicos,⁷ como hoje, de nomear os dias usando numerais.⁸ “Sába-

do” é um título. Como tal, “Sábado” define o papel especial do sétimo dia como dia de repouso e de adoração.⁹ Embora seja verdade que ele veio a ser usado como um nome, bíblica e teologicamente, “Sábado” é um título.

O uso como título é especialmente evidente nos escritos de Lucas. Enquanto outros escritores do Novo Testamento se referem ao sétimo dia simplesmente usando o substantivo “Sábado”, Lucas usa seis vezes a forma “dia do Sábado”, *hêmera tôn sabbatôn*.¹⁰ No grego bíblico, quando o nominativo, o acusativo ou o dativo do nome “dia” (*hêmera*) é seguido por um substantivo no genitivo, como é o caso aqui, o genitivo funciona de forma adjetiva e define o substantivo “dia”.¹¹ Por exemplo, os “dias da colheita

de trigo” de Génesis 30:14 são os dias em que a colheita ocorre. O dia da purificação de Êxodo 29:36 era o dia em que certos sacrifícios eram oferecidos. Do mesmo modo, temos o dia da “alegria” (Núm. 10:10), da “expição” (Lev. 23:27; 25:9), do “voto” (Núm. 25:18), e muitos outros.

Assim, também *hêmera tôn sabbatôn* deveria ser traduzido como um genitivo adjetival de aposição, “o dia que é o Sábado”, confirmando que o termo “Sábado” é usado como um título descritivo.¹² Definir um dia pelo seu título, quando o título supostamente já não era válido, não faz sentido. A conclusão mais natural é que Lucas descreve o sétimo dia assim porque o sétimo dia, aproximadamente 30 anos após a morte de Jesus na cruz, ainda era “o Sábado”.

Além do mais, o “dia do Sábado” de Lucas é uma construção gramatical relativamente rara e é usada pela primeira vez na *Septuaginta* (LXX), quando esta apresenta o quarto mandamento. Literalmente o texto grego diz: “lembra-te do dia que é o Sábado, para o maneres santo.” Uma construção similar aparece na reiteração deuteronomística dos mandamentos (Deut. 5:12, 15). A maioria dos usos subsequentes aparece em textos legais, em que é definida a prescrição e a proibição de comportamentos no Sábado.¹³ Seria de facto estranho que Lucas, um cristão gentio, usasse terminologia que deriva da LXX e que aparece quase exclusiva-



mente em contextos legais, se ele tivesse considerado que estes contextos legais estavam inteiramente ultrapassados.

Para além do uso da palavra “Sábado”, o sétimo dia é por duas vezes referido simplesmente pelo uso da designação numérica “sétimo dia”. Os dois casos ocorrem em Hebreus 4:4.

O sexto dia

O Novo Testamento refere-se diretamente ao sexto dia cinco vezes. Todas elas são encontradas nos relatos da crucificação. Dois títulos são usados: *paraskeuê* (Mat. 27:62; Mar. 15:42; Luc. 23:54; João 19:31)¹⁴ e *prosabbaton* (Mar. 15:42).

Paraskeuê significa “preparação”.¹⁵ Preparação para quê? Claramente para o sétimo dia, o Sábado, que se segue.¹⁶ Isto é evidente no uso que Lucas faz do termo: “E era o dia da preparação, e amanhã o Sábado” (Lucas 23:54). Enquanto dia de preparação, ele estava ligado com a guarda do Sábado. Nolland comenta: “O dia

da preparação¹ é o dia anterior ao Sábado, no qual era necessário fazer preparações de modo a que as restrições do Sábado pudessem ser fielmente observadas.”¹⁷

A palavra *prosabbaton* significa literalmente “o [dia] antes do Sábado”.¹⁸ Ela assume um sentido de movimento em direção ao Sábado. A palavra apenas aparece em Marcos 15:42, mas Lucas, no seu texto paralelo, sublinha igualmente o sentido de movimento, ao afirmar que era o dia da preparação e que “o Sábado estava a começar” (Lucas 23:54). Portanto, a designação da sexta-feira como *paraskeuê* e como *prosabbaton* aponta claramente para o Sábado como o ponto alto da semana.

O primeiro dia

Talvez a terminologia mais reveladora seja a que se relaciona com o “primeiro dia da semana”. Há oito referências no Novo Testamento (Mat. 28:1; Mar. 16:2, 9; Luc. 24:1; João 20:1, 19; At. 20:7; I Cor. 16:2).¹⁹ A expressão grega

é *mia sabbatôn* ou variantes com um poder semântico semelhante. Elas são todas constituídas pelo adjetivo numeral “primeiro” seguido pelo substantivo “Sábado”.

As traduções traduzem unanimemente *mia sabbatôn* e as suas variantes pela expressão “primeiro dia da semana”; isto é, traduzem *sabbatôn* usando a palavra “semana”. Está correta esta tradução? A palavra *sabbatôn* em parte alguma se refere à semana; ela refere-se sempre ao Sábado. A palavra grega para semana é *hebdomas*.²⁰

A frase deveria ser traduzida segundo uma das seguintes formas. Bruce traduz *mia sabbatôn* como “primeiro dia após o Sábado”.²¹ Lenski prefere a tradução “o primeiro dia com referência ao Sábado”.²² Uma terceira possibilidade é “primeiro [dia] em direção ao Sábado”.²³

Seja qual for a tradução que escolhermos entre estas três possibilidades, o que importa é que as três sublinham a importância do Sábado como momento culminante da semana.²⁴ Das três, eu

prefiro a terceira opção – “primeiro [dia] em direção ao Sábado” – por causa do facto de que o termo *prosabbaton*, que se refere à sexta-feira, também indica um movimento em direção ao Sábado.

Os restantes dias da semana

Vimos a designação do Novo Testamento para o primeiro, o sexto e o sétimo dias da semana, isto é, domingo, sexta-feira e Sábado, em português moderno. E quanto aos outros dias da semana?

O Novo Testamento não nos dá o nome destes, mas outras fontes contemporâneas fazem-no. O segundo dia (segunda-feira) era chamado *deutera sabbatôn*; o terceiro (terça-feira), *tritê sabbatôn*; o quarto (quarta-feira), *tetartê sabbatôn* ou *tetrad sabbatôn*; e o quinto dia (quinta-feira), *pemptê sabbatôn*; isto significa que estes dias eram designados, respetivamente, “segundo, ... terceiro, ... quarto, ... quinto [dia] em direção ao Sábado”.²⁵ Portanto, também estes eram designados com referência ao Sábado.

O latim não tem uma relevância direta para a interpretação do texto do Novo Testamento, porque o Novo Testamento foi escri-

to em grego. No entanto, o latim era a segunda língua mais comum depois do grego entre os primeiros escritores cristãos.

Na *Vulgata*, uma tradução latina da Bíblia que data do quarto século, encontramos os seguintes nomes para os dias da semana. O domingo é designado *prima sabbati*,²⁶ ou *una sabbati*,²⁷ ambas as expressões significando “primeiro [dia] para/após o Sábado”. Segunda-feira é chamada *secunda sabbati*, “segundo [dia] para/após o Sábado”,²⁸ e quarta-feira é designada *quarta sabbati*, “quarto [dia] para/após o Sábado”.²⁹ Sexta-feira é chamada *parasceve*,³⁰ uma transliteração direta da palavra grega *paraskeuê*, que, como dissemos, indica a preparação para o Sábado. Faltam os nomes para os outros dias da semana.

Em latim eclesiástico não bíblico os dias estão também agrupados em redor do Sábado. Por exemplo, o domingo era chamado *feria prima*.³¹ *Feria* designava um “dia livre”, um dia em que as pessoas, até mesmo os escravos, não precisavam de trabalhar e em que os tribunais não funcionavam. Sendo inicialmente um conceito romano secular, no vocabulário

cristão tornou-se no meio de designar um feriado religioso ou um dia santo.³²

Como tal, *feria prima* significa “primeiro [dia] após o dia santo” (i.e., o primeiro dia após o Sábado).³³ Segunda-feira era chamada *secunda feria*, “segundo [dia] após o dia santo”; terça-feira, *tertia feria*; quarta-feira, *quarta feria*; quinta-feira, *quinta feria*; sexta-feira, *sexta feria*; ou seja, “terceiro,... quarto,... quinto,... sexto... [dia] após o dia santo”.³⁴

O sétimo dia era chamado *sabbatum*, “Sábado”, uma palavra emprestada do hebreu *shabbat* através do grego *sabbaton*. Este sistema latino de nomear os dias ainda é seguido na língua portuguesa.

Avaliação

Juntao toda a matéria que expusemos até aqui, obtemos a tabela abaixo.

Considerando o que discutimos atrás e a tabela que propusemos, é evidente que o Novo Testamento (NT) e outros escritores cristãos antigos, gregos e latinos, usaram uma nomenclatura semanal que é decididamente sabatista.

Eles chamavam ao sétimo dia “o Sábado”, embora ele supos-

| PORTUGUÊS | NT/GREGO CRISTÃO ANTIGO | GREGO/NT ALTERNATIVO | LATIM DA VULGATA | LATIM DA IGREJA |
|----------------------|----------------------------|------------------------|-------------------------------|---------------------|
| Domingo | 1º em direção ao Sábado | | 1º para/após o Sábado | 1º após o dia santo |
| Segunda-feira | 2º em direção ao Sábado | | 2º para/após o Sábado | 2º após o dia santo |
| Terça-feira | 3º em direção ao Sábado | | | 3º após o dia santo |
| Quarta-feira | 4º em direção ao Sábado | | 4º para/após o Sábado | 4º após o dia santo |
| Quinta-feira | | | | 5º após o dia santo |
| Sexta-feira | Preparação [para o Sábado] | Dia anterior ao Sábado | <i>Parasceve</i> [Preparação] | 6º após o dia santo |
| Sábado | Sábado | Dia do Sábado | Sábado | Sábado |

tamente já não o fosse; ao sexto dia chamavam quer “Preparação [para o Sábado]”, quer “dia antes do Sábado”, embora ele supostamente também já não o fosse,³⁵ e designavam os restantes dias da semana com um numeral seguido por uma referência ao Sábado, sublinhando o Sábado como o ponto focal da semana, quando supostamente já não havia um Sábado para guardar.

Por que razão os Cristãos primitivos usavam esta linguagem? Podemos especular e afirmar que eles o faziam por mero hábito. A maioria dos escritores do Novo Testamento eram Judeus e, por isso, estariam acostumados a designar os dias da semana a partir do Sábado.

Mas esta especulação não pode ser sustentada. Primeiro, pelo menos um dos escritores do Novo Testamento, Lucas, era um Gentio convertido, não um Cristão de origem judia. Segundo, a maioria dos livros do Novo Testamento, embora escritos por Judeus, eram dirigidos a cristãos gentios. Como

tal, os escritores poderiam ter usado uma linguagem mais adequada a leitores gentios. Terceiro, a maioria dos outros escritores cristãos gregos ou latinos eram de cultura gentia.

Os Gregos e os Latinos já tinham nomes para os dias da semana, nomes planetários semelhantes aos nomes dos dias da semana na língua inglesa e alemã.³⁶ Assim, ao adotarem um conjunto diferente de nomes, iam contra o seu hábito, contra os nomes usuais usados nas suas sociedades.

Podia-se ainda objetar que os nomes planetários podiam dar a impressão de adesão à idolatria, porque os Gregos e os Romanos seculares que usavam esses nomes eram pagãos. Mas, mesmo neste caso, os escritores romanos poderiam ter designado os dias da semana usando numerais, sem incluir uma referência ao Sábado. Este é o caso de muitas línguas atuais e era o uso corrente entre os Judeus no tempo de Jesus e dos apóstolos. Afinal, Hebreus 4:4 refere-se por duas vezes ao

sétimo dia como sendo o “sétimo” ou o “sétimo dia”,³⁷ enquanto “sexto dia” é a designação mais usual no Velho Testamento para a sexta-feira.³⁸

Mas os escritores cristãos rejeitaram deliberadamente tanto os nomes planetários, como (com exceção de Hebreus 4:4) os simples nomes numéricos, em favor de uma nomenclatura que é decididamente sabatista.

Porquê? A única conclusão lógica é que os apóstolos e outros escritores cristãos primitivos usaram uma linguagem sabatista porque eram sabatistas; isto é, eles continuaram a guardar o Sábado, tal como o povo de Deus tinha feito durante muitos milénios antes deles. Sugerir que o dia de repouso sabático foi mudado do sétimo para o primeiro dia da semana ou que a observância do Sábado foi abolida pelos cristãos primitivos vai contra toda a evidência apresentada neste artigo. ♣

• **Kim Papaioannou**

Pastor





1. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: Greek Text With Introduction and Commentary*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1951, p. 260.
2. William Gesenius, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, Oxford: Clarendon Press, 1972, p. 991.
3. Veja, e. g., Ron du Preez, *Judging the Sabbath: Discovering What Can't Be Found in Colossians 2:16*, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2008. Du Preez argumenta com erudição que os "Sábados" de Colossenses 2:16 referem-se às três maiores festas anuais de Israel. Em contraste, veja Kim Papaioannou e Michael Mxolisi, "Does Colossians 2:16 Abolish the Sabbath?", *Adventist Review*, February 23, 2012, para a perspectiva que defende que Colossenses 2:16 se refere ao Sábado semanal.
4. Veja F. F. Bruce in *The New Bible Dictionary*, ed., James Dixon Douglas, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962, s. v. "John the Baptist".
5. Veja A. F. Walls, *ibid.*, s.v. "Apostle".
6. Todas as passagens bíblicas neste artigo são da tradução *João Ferreira de Almeida, Edição revista e Corrigida*.
7. Veja Gên. 1:5, 8, 13, 19, 23, 31; 2:3; compare com o sistema numeral em hebreu.
8. R. K. Harrison, *Teach Yourself Biblical Hebrew*, London: Richard Clay, 1955, pp. 104-108; E. Kautzch, ed., *Gesenius' Hebrew Grammar*, Oxford: Clarendon Press, 1978, pp. 286-292.
9. John Durham, *Exodus*, Word Biblical Commentary, vol. 3, Waco, TX: Word Books, 1987, p. 289.
10. Luc. 4:16; 13:14, 16; 14:5; At. 13:14; 16:13. Cf. Joseph A. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, Anchor Bible, vol. 31, New York: Doubleday, 1998, p. 509.
11. Daniel B. Wallace faz notar que todos os genitivos adjetivais são, de alguma forma, descritivos. *Greek Grammar Beyond the Basics*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996, pp. 78 e 79.
12. Para os usos do genitivo de aposição, veja *ibid.*, p. 95.
13. Êxo. 35:3; Lev. 24:8; Núm. 15:32 e 33; 28:9; Neem. 10:31; 13:15, 17, 19, 22; Jer. 17:21 e 22, 24, 27; Eze. 46:1, 4, 12.
14. João 19:14 e 42 também usa a mesma terminologia, mas muito provavelmente refere-se à preparação para a Páscoa, e não à preparação para o Sábado, embora nesse caso a preparação para a Páscoa e para o Sábado tivesse coincidido.
15. Henry George Liddell e Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*, Oxford: Clarendon, 1996, p. 1324.
16. Walter Bauer e Frederik Danker, eds., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed., Chicago: University of Chicago Press, 2001, p. 771, define-o como o dia "em que... tudo deveria ser preparado para o Sábado".
17. John Nolland, *Luke 18:35-24:53*, Word Biblical Commentary, vol. 35C, Dallas, TX: Word Books, 1993, p. 1164.
18. Liddell e Scott, *Greek-English Lexicon*, p. 1499; Robert H. Stein, Mark, *Baker Exegetical Commentary on the New Testament*, Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008, pp. 723 e 724. Stein observa com perspicácia que Marcos está a usar o calendário judeu e o modo judeu de contar os dias e explica-o aos seus leitores gregos. Veja também Horst Balz, *Exegetical Dictionary of the New Testament*, vol. 3, eds. Horz Balz e Gerhard Schneider, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982-1983, s.v. "paraskeuê". Balz faz notar que o termo continuou a ser usado pelos primeiros cristãos.
19. Alguns poderiam argumentar que o "Dia do Senhor" em Apocalipse 1:10 também é uma referência ao domingo. Isto é improvável, porque não há provas de que o domingo era assim designado no tempo em que João escreveu o Apocalipse. Biblicamente falando, a referida expressão é ou uma referência ao Sábado, que na Bíblia é chamado "o Sábado do Senhor" (e. g., Êxo. 20:10), ou uma referência ao profético "Dia do Senhor" (e. g., Mal. 4:5; Atos 2:20; I Cor. 1:8; 5:5; II Cor. 1:14; I Tess. 5:2; II Ped. 3:10), o dia da vinda de Jesus.
20. Veja, e. g., Gén. 29:27 e 28; Êxo. 34:22; Lev. 23:15 e 16; 25:8; Núm. 28:26; Deut. 16:9 (2x), 10, 16; II Cró. 8:13; Dan. 9:24, 27; 10:2 e 3; *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. 269.
21. Bruce, *Acts*, p. 372. Ben Witherington III, embora a favor da tradução "primeiro dia da semana", reconhece que a frase era originalmente uma referência ao Sábado. Ele traduz o significado original da frase *mia sabbaton* por "primeiro dia após o Sábado". Bruce, *Acts*, p. 606.
22. Richard C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles 15-28*, Minneapolis, MN: Augsburg Fortress, 1944, p. 824. Lenski faz notar que "os Judeus não tinham nome definido para os dias da semana". Isto não é completamente verdade, porque os numerais funcionavam como nomes. A escolha de definir a semana pela referência ao Sábado não era devida à ausência de um sistema de referência alternativo, mas era, isso sim, uma indicação de respeito por aquela importante instituição.
23. Veja o genitivo de destino em Wallace, *Greek Grammar*, pp. 100 e 101. Exemplos de genitivo de destino encontram-se em Mat. 10:5, At. 16:17; Rom. 8:36; 9:22; Gál. 2:7; Efé. 2:3; entre outros.
24. A. T. Lincoln admite a designação sabbatista da semana quando declara que a frase *mia sabbatou* e os seus cognatos "refletem a terminologia das igrejas cristãs gentias para o domingo como sendo o primeiro dia na sequência determinada pelo Sábado". "From Sabbath to Lord's Day: A Biblical and Theological Perspective", in *From Sabbath to Lord's Day*, ed., D. A. Carson, Grand Rapids, MI: Academie, 1982, p. 398.
25. Veja LXX Salmos 47:1; 93:1; Josefo, *Guerra* 2.289; *Didache* 8:1; "Ἐβδομαδα", Wikipedia, acessado em 27 de maio de 2014, el.wikipedia.org/wiki/Ἐβδομαδα; Werner Fröhlich, "The Days of the Week in Various Languages", acessado em 27 de maio de 2014, www.geonames.de/days.html; GDZ, acessado 27 de maio de 2014, gdz.sub.uni-goettingen.de/de/dms/load/toc/PPN=PPN655965645&DMDID=DM DLOG_0001.
26. Veja a *Vulgata*, Mat. 28:1; Mar. 16:9.
27. Veja a *Vulgata*, Luc. 24:1; João 20:1; At. 20:7; I Cor. 16:2.
28. Veja a *Vulgata*, Sal. 47:1.
29. Veja a *Vulgata*, Sal. 93:1.
30. Veja a *Vulgata*, Mat. 27:62; Mar. 15:42; Luc. 23:54; João 19:31.
31. Faith Wallis, "Chronology and Systems of Dating", in *Medieval Latin: An Introduction and Bibliographical Guide*, eds. Frank Anthony, Carl Mantello e A. G. Rigg, Washington, DC: CUA Press, 1996, p. 385.
32. Veja, e. g., "Feria", *Catholic Encyclopedia*, New Advent, acessado em 28 de maio de 2014, www.newadvent.org/cathen/06043.htm.
33. Em séculos posteriores, o nome do primeiro dia da semana foi mudado de *feria prima* para *dominica* or *dies dominicus*, "Dia do Senhor", mas isto foi um desenvolvimento tardio.
34. Fröhlich, "The Days of the Week", www.geonames.de/days.html.
35. Eduard Lohse faz notar esta discrepância, mas não a explica. *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 7, trad. e ed. Geoffrey W. Bromiley, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1971, s.v. "sabbaton".
36. Há alguma incerteza sobre a data em que os nomes planetários se tornaram comuns, mas E. G. Richards cita Plutarco, o qual indica que os nomes planetários estavam a tornar-se bem conhecidos na sua época. *Mapping Time: The Calendar and History*, Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 269.
37. O uso do numeral "sétimo" para o sétimo dia da semana é comum na LXX. (Gén. 2:2 e 3; Êxo. 16:26 e 27, 29 e 30; 20:10 e 11; 23:12; 24:14; 31:15, 17; 34:21; 35:2; Lev. 23:3; Deut. 5:14; II Sam. 12:18; e possivelmente Ester 1:10.)
38. Gén. 1:31; 2:2; Êxo. 16:5, 22, 29.

LÍDERES ADVENTISTAS DEDICAM O TERRENO DE FUTURA CLÍNICA NA ZÂMBIA

ANN/RA

Um novo centro de saúde multidisciplinar será construído em Chalala, a oito quilómetros do centro da cidade de Lusaka, capital da Zâmbia. A procura por serviços de saúde Adventistas tem aumentado em Lusaka devido ao crescimento da população e à boa reputação conseguida pelo Hospital Oftalmológico de Lusaka, pela Clínica Dentária de Lusaka e pela Clínica Adventista de Lusaka. Este novo projeto começou há dez anos, quando foi doado um terreno pela Câmara Municipal da cidade de Lusaka. Depois surgiu a ideia de estabelecer um centro médico multidisciplinar. O Centro Médico Adventista de Chalala oferecerá inicialmente serviços nas áreas de me-

dicina geral, pediatria, oftalmologia, estomatologia, análises laboratoriais e farmácia. O terreno de quatro hectares foi doado e metade do orçamento de um milhão de dólares necessário para a construção da primeira fase do empreendimento foi oferecido por um antigo aluno da Universidade de Loma Linda. Está projetado que os lucros do centro médico a construir sejam usados para financiar as fases seguintes de construção e também para ajudar a financiar os hospitais Adventistas localizados em áreas rurais da Zâmbia. Está estabelecido que o novo centro médico tornar-se-á num hospital médico-cirúrgico com múltiplas especialidades.

Na cerimónia de dedicação do terreno onde será construído o novo centro médico estiveram presentes



o Dr. Richard Hart, Presidente da *Adventist Health International*, e o Dr. Peter Landless, Diretor dos Ministérios da Saúde da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Ambos proferiram palavras de encorajamento durante a ceri-

mónia. Nesta estiveram presentes cerca de 100 líderes e profissionais da área da saúde da Divisão Sul-Africana-Oceano Índico e dos Estados Unidos da América. Paul Ratsara, Presidente da referida Divisão, ofereceu a prece de dedicação. ✍

PRAÇA DE ROMA RECEBE NOME DE MARTINHO LUTERO COM A AJUDA DA IGREJA ADVENTISTA

Ad7 Notícias

Com a aproximação do 500º aniversário da Reforma Protestante, a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Itália liderou com êxito uma petição para que a cidade de Roma reconhecesse Martinho Lutero, o precursor da Reforma Protestante. “Em 2009, a Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Igreja Luterana entregaram um pedido à cidade de Roma, requerendo que uma praça da cidade recebesse o nome de Martinho Lutero”, referiu Dora Bognandi, ex-diretora do Depar-

tamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da Igreja Adventista em Itália, com sede em Roma. Bognandi lutou tenazmente para obter este reconhecimento. “Graças ao compromisso de Dora Bognandi, o importante jornal italiano ‘La Repubblica’ mencionou recentemente que esta iniciativa partiu dos Adventistas”, disse David Romano, o atual diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos em Itália. No início do processo, o serviço responsável pela infraestrutura das vias urbanas em Roma respondeu positivamente, mas



não conseguiu avançar com o processo. “O Conselho de Igrejas do território romano, do qual os Adventistas são membros fortes e promoto-

res sábios, encarregou-se da situação”, afirmou Bognandi. Reunimo-nos diversas vezes com conselheiros municipais e com os serviços responsá-



veis. Escrevemos várias cartas até que, no fim de 2014, fomos finalmente informados de que o nosso pedido tinha sido concedido e de que teria ainda de ser aprovado pela Câmara Municipal.”

Passaram-se seis anos desde que a Igreja Adventista do

Sétimo Dia “avançou para o Capitólio, em junho de 2009, apresentando o seu primeiro requerimento à dedicada Comissão de Roma, no contexto do 500º aniversário da histórica visita de Lutero a Roma”, segundo conta o referido jornal.

A cerimónia de atribuição do novo nome à praça, que se situa perto do Coliseu, realizou-se no passado dia 16 de setembro e contou com a presença de Ignazio Roberto Marino, presidente da Câmara Municipal de Roma, que honrou o evento com a sua

presença. Representantes de diversas denominações cristãs, entre as quais a Igreja Católica, e representantes de confissões não cristãs estiveram presentes na cerimónia. Segundo David Romano, este foi um momento importante para todas as minorias. ✨

NOTÍCIAS NACIONAIS



BATISMO EM LAGOA

*Lúis Fonseca
Pastor de Portimão*

Foi com imensa alegria que no sábado, 5 de setembro, foi realizado o batismo do jovem Miguel Neves Fernandes. A cerimónia teve lugar na igreja de Lagoa e contou com a participação direta e ativa do Pr. Edgar Justino. A igreja de Lagoa estava cheia de crentes que quiseram testemunhar este importante ato litúrgico. Foi claramente sentida a presença do Espírito Santo. Depois de realizada a cerimónia batismal, cinco pessoas responderam ao apelo de Deus para serem preparadas para um próximo batismo. Lou-

vado seja Deus! Foi um dia cheio de alegrias e de bênçãos recebidas do Senhor Jesus. Um dia em que não só a igreja de Lagoa, mas também os familiares e os amigos do Miguel enaltecera o nome do Senhor. O irmão Miguel Fernandes foi recebido como membro na igreja de Portimão, à qual passa a pertencer de pleno direito. Estendemos as boas-vindas ao Miguel, rogando a Deus as maiores bênçãos para a sua vida, para que Deus o conserve sempre animado nos caminhos de Jesus. Continuaremos a trabalhar na igreja de Portimão no sentido de preparar mais candidatos ao batismo, de modo que a igreja possa crescer e fortalecer-se. ✨



BATISMOS NO PORTO

*Nuno Silva
IASD Porto, Dep. Comunicação*

Em março e junho do presente ano realizaram-se duas cerimónias batismais na igreja do Porto. No conjunto, seis pessoas entregaram-se a Jesus pelo batismo. Entre as almas que entraram no batistério destaca-se a irmã Lurdes, que chegou até nós como resultado do trabalho da ADRA no apoio aos sem-abrigo do Porto. Com a dedicação e o acompanhamento permanente da irmã Alice Santos, que colabora bem de perto com este projeto da ADRA, a irmã Lurdes decidiu entregar a sua vida a Jesus. No momento do apelo de ambas as cerimónias batismais responderam mais doze pessoas, entre elas seis jovens. Alguns destes já tinham iniciado o seu estudo da Bíblia e quiseram manifestar publicamente a sua intenção de continuar em direção ao batismo. Outros começam agora a sua caminhada espiritual. Louvado seja Deus pela decisão tomada por todas estas pessoas! A igreja Adventista do Sétimo Dia do Porto também se encontra muito feliz por todos os que agora se unem à família de Deus. ✨

DESCANSOU NO SENHOR

*IASD Pedroso
– Rute Ferreira*



Faleceu no dia 2 de setembro, com 92 anos, a irmã **Natália Maria Vieira Silvestre**. Nascida em 1923, a irmã Natália Silvestre tinha sido batizada em 1993, já com 70 anos, na igreja de Setúbal, pelo Pastor Daniel Vicente. Viúva, encontrava-se desde há algum tempo aos cuidados do LAPI de Avintes. Era membro da igreja de Pedroso desde 2010, a que também pertencem a filha, Natália Fonseca, único familiar direto que deixa, e o genro, José Fonseca. A todas as pessoas próximas, incluindo as que lidaram mais de perto com a irmã Natália Silvestre nos seus últimos anos, deixamos a segura palavra das Sagradas Escrituras que prometem para breve o feliz reencontro. ✨



O projeto Médico-Missionário Itinerante **Viver +**

Neste artigo gostaria de lhe apresentar, caro Leitor, o projeto Médico-Missionário Itinerante Viver +. O nosso grande Deus utiliza métodos impressio-

nantes e trabalhar com Ele dá-nos o único verdadeiro sentido da vida. Este projeto médico-missionário valeu todo o esforço nele investido, pois veio confirmar as indicações inspiradas do Espírito de Pro-

fecia. “A obra médico-missionária é a obra pioneira do Evangelho, a porta através da qual deve a verdade para este tempo encontrar entrada em muitos lares. [...] A demonstração dos princípios da

reforma de saúde muito fará no sentido de afastar o preconceito contra a nossa obra evangélica. O Grande Médico, o originador da obra médico-missionária, abençoará todos os que assim se esforçarem para comunicar a verdade para este tempo” (Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*, p. 497).

A preparação

Sem nós sabermos como, quando e onde, Deus encontrou uma equipa unida no mesmo espírito para trabalhar neste projeto. Ao princípio, os recursos pareciam escassos. A ajuda da parte da ASI nem sequer chegava para alugar uma auto-caravana. Depois de muitos telefonemas e de muita espera, fui encaminhada para o irmão Daniel Wagner, da igreja da Sertã, que se prontificou a emprestar a sua auto-caravana durante o tempo de duração do projeto. O desafio seguinte, encetado com muita oração, foi o

de encontrar o local de ação e a equipa. Mas Deus providenciou! Alguém me falou de dois jovens desempregados habilitados com o curso de Promotores de Saúde. Depois de contactados, responderam logo ao apelo. Após muita oração, a fim de determinarmos o local para a implementação do projeto, o Promotor Bíblico José Esteves telefonou-me para me falar sobre o seu desejo de que o projeto fosse realizado na área de Mirandela, pois já há muito que pensavam fazer aí obra missionária através da saúde.

Começámos a implementação do projeto com jejum e oração, em conjugação com os membros da igreja de Mirandela, para que Deus nos indicasse as aldeias a abordar. Depois de fazermos algumas visitas, parámos na aldeia de Franco, onde o Presidente da Junta estava presente. Tendo nós falado do nosso projeto, ele disponibilizou o antigo local do Centro de Saúde completamente

equipado, mas agora fechado. Outros Presidentes de Junta foram contactados por telefone. Nas aldeias de Mascaranhas e de Passos também nos disponibilizaram os Centros de Saúde locais.

Objetivos

A nossa primeira preocupação foi dar continuidade ao projeto. Deus inspirou-nos para que, depois dos dois meses passados a investir nas aldeias, um projeto estável continuasse aí. Pensámos em fundar um clube “amigos pela saúde”, visto que a Anabela e o José Esteves vivem na região. Mas Deus tinha maiores planos. O Presidente da Junta de Freguesia de Passos, que aderiu completamente ao projeto, convidou-nos a utilizar o Centro de Saúde gratuitamente e para sempre. Deus abriu as portas! As intervenções futuras estão a ser organizadas com o recurso a outros profissionais de saúde que já estão a fazer planos para





dar consultas de fisioterapia, de medicina, de enfermagem e de estomatologia.

Entretanto, começámos o nosso trabalho pioneiro com a certeza de que Deus abriria o caminho. Para estes dois meses os objetivos seriam: (1) realizar um rastreio de saúde, (2) mostrar, aconselhar e aplicar um remédio natural por semana, segundo a brochura “hábitos saudáveis” oferecida pela AIT, e (3) mostrar o amor de Cristo, que oferece cura e salvação. Ao fim dos dois meses, concluímos que, pelo menos, três hábitos saudáveis foram assimilados: O primeiro foi o hábito de beber água, o segundo a prática de exercício com alongamentos e o terceiro a ingestão de fruta ao pequeno-almoço e a inclusão de salada em maior quantidade e variedade às refeições.

Como realizámos o trabalho

Tivemos a bênção da igreja de Mirandela ter um apartamento livre para os colportores, que foi posto ao nosso serviço. Tínhamos todo o conforto e privacidade. Vivíamos em comunidade, pois partilhávamos e organizávamos a vida juntos. As refeições eram sempre momentos de grande par-

tilha espiritual e de diálogo sobre um texto bíblico ou sobre temas e preocupações atuais. Todas as manhãs orávamos juntos. Tínhamos alguns momentos no fim do dia para orar sobre as pessoas que havíamos contactado nesse dia. A auto-caravana era o nosso refúgio nas aldeias. Almoçávamos sempre nela e era também nela que descansávamos. Algumas vezes ela era usada para dar lugar a uma conversa mais íntima, pois não havia locais suficientes para esse efeito. Era nela que levávamos pessoas ao hospital, à farmácia ou a casa. Aos sábados, íamos visitar outros membros que viviam a mais de 100 quilómetros e que não podiam vir a Mirandela. A vida de cada voluntário foi-se transformando pelo serviço. Muita disponibilidade e muita simpatia criaram raízes e deram frutos. Esses frutos foram alguns milagres que presenciámos e dos quais podemos testemunhar.

Casos de vidas tocadas por Jesus¹

No primeiro dia, na aldeia de Mascaranhas, a dona Maria queixou-se de muita comichão num ouvido, onde havia presença de corrimento. Já tinha experimen-

tado algumas pomadas. Fizemos o tratamento com carvão e orámos com ela. No dia seguinte o corrimento tinha desaparecido, assim como a comichão. O tratamento foi continuado, pois havia eczema no ouvido. Ensinámos o tratamento à senhora e ela passou a contar a toda a aldeia os bons resultados obtidos.

O senhor Joaquim, da aldeia de Mascaranhas, é o coveiro. Veio ter connosco pois não tinha conseguido dormir nada, dado que tinha um dedo que lhe doía muito. O dedo estava inflamado e com alguma necrose. O senhor Joaquim tinha tido durante alguns meses uma farpa no dedo. Alguns dias antes haviam-lhe retirado a farpa nas Urgências, mas ele não esperara e fora trabalhar sem proteção, tendo infetado o dedo. O tratamento com argila aliviou imediatamente a infeção. Deixámos carvão no dedo durante a noite e no dia seguinte o pus tinha saído. Fizemos hidroterapia durante alguns dias e a ferida cicatrizou numa semana. Como ele próprio disse, “estou pronto para outra”.

A dona Josefa, da aldeia de Mascaranhas, é uma mulher marcada pela vida. Rejeitada pelo pai e órfã de mãe, teve uma vida atribulada. Mal sabe ler e



escrever. Vivia cheia de amargura. Encontrámo-la na aldeia à espera de que o seu neto saísse da Escola. O nosso sorriso cativou-a, mas ela não queria vir às nossas atividades, pois “isso da saúde não é para mim”. No final do rastreio, depois da conversa do primeiro dia no consultório de aconselhamento, confidenciou-nos muitas mágoas e saiu com alegria no coração e com a esperança do amor de Deus. A Paz de Deus permaneceu com ela. Duas semanas depois deste encontro, o seu pai faleceu. Mas ela estava em paz! Oferecemos-lhe então uma Bíblia e, no sábado seguinte, aceitou o convite para passar o dia connosco. Tem vindo sempre às nossas reuniões e traz os seus netos. Considera-nos a sua querida família!

O senhor António é o Presidente da Junta de Freguesia. Homem simples, alegre, humilde e de grande dedicação ao seu trabalho. Já tinha tentado várias dietas para emagrecer. Aderiu ao nosso programa para dar o exemplo na aldeia. Num mês emagreceu 4 quilos, seguindo rigorosamente com a sua família os nossos conselhos. Ele, a esposa e a filha encontraram de novo a boa forma e voltaram a sentir-



-se bem. A sua filha, que outrora tinha feito competição desportiva, estava agora com BMI elevado, mas emagreceu e recomeçou a fazer desporto. A confiança instalou-se no coração do senhor António e ele entregou-nos a chave do local que havia cedido para as nossas atividades, de modo a que aí implementássemos um projeto permanente.

O senhor Francisco revelou ser um dos casos mais sérios. Tem oitenta anos, vive sozinho, sendo viúvo desde a idade de 28 anos. As filhas vivem longe e raramente comunicam com ele. É um homem rude, habituado a dores. A mulher morreu por negligência médica e as filhas, ainda bebés, foram-lhe retiradas e levadas para instituições. Esteve a trabalhar em França e agora passa o tempo a cuidar da sua horta. Cuida dele mesmo. Faz a sua comida. É conhecido como sendo o desgraçado da aldeia, pois começa a beber desde manhã. Sofre de alcoolismo grave,

com uma tentativa de cura há alguns anos num centro especializado. Viamo-lo voltar para casa todos os dias a cambalear. Veio ter connosco porque estava com um problema de “rosácea” na cara que o incomodava. Tinha postulas. Cheirava muito mal e estava sujo. Falando nós com ele, o Santo Espírito abriu-lhe o coração e ele decidiu não mais beber. Levámo-lo ao hospital para ser medicado por causa da privação do álcool. Tratámo-lo ao domicílio todos os dias, com carvão e argila. O senhor Francisco revelou ser um homem de decisões, humilde e dócil. Precisava de saber que alguém se interessava por ele! Durante a nossa estadia íamos orando com ele. Mostrava-se interessado no que devia comer ou não e até procurava ajudar os vizinhos solitários e viúvos com mais dificuldades. Nos cafés, todos já sabiam que ele nunca mais ia aceitar um copo de vinho. Quando passávamos na estrada, ouvíamos as pessoas na





esplanada do café dizerem “Lá vai ela!” e acenarem-nos simpaticamente. Oramos para que Deus o encaminhe e o guarde.

A senhora Joaquina, da aldeia de Franco, é a pessoa que dá maior testemunho da graça de Deus revelada na sua vida. Veio ter connosco na sexta semana. Já sabia o que fazíamos, mas sempre achou que não valia a pena conhecer-nos. O dia 14 de maio foi um dia abençoado. Ela sentiu-se impressionada a vir ver-nos, apesar da sua vontade de se suicidar nesse dia. Há cerca de um mês tinha decidido parar de tomar todos os medicamentos. Eram tratamentos vitais. Ela tem as artérias entupidadas em 90% e luta com a depressão há vários anos. Tem também quistos no fígado e nos seios. Vivía com dores, mal-estar, sem trabalho e sem rendimentos, numa casa degradada, isolada da família. É viúva e os seus filhos não lhe falam. Ela fumava quarenta cigarros por dia e estava somente à espera de morrer. Tinha tido já dois enfartes e tentara suicidar-se por duas vezes. Tinha hipertensão e colesterol com valores muito elevados. Entretanto, aceitou a nossa ajuda. Fez connosco um contrato

de duas semanas. O contrato era que tomaríamos conta dela, sem os antigos tratamentos. Nessa mesma noite, teve um grande conflito: foi tentada a ir até à ponte da autoestrada para se suicidar. Mas, no momento crítico, lembrou-se das nossas palavras: “Deus tem um plano para si. Tenha confiança n'Ele!” Assim, voltou para casa. Levámo-la ao consultório da Dra. Marianne em Penela. Tratámos o fígado com carvão, durante 10 dias, e ficou a tomar uma mistela de alho. Orámos todos os dias com ela. No primeiro fim de semana, aceitou ficar connosco e quis ir à igreja. Nunca mais deixou de ir. Acompanhou-nos nos estudos bíblicos. Vive um milagre cada dia. Deixou de fumar, de beber café e passou a caminhar uma hora por dia. Vimos uma progressão rápida em dez dias. Baixaram os valores alterados e deixou de ter dores. A sua vida mudou. Começou um curso de assistência a pessoas idosas, e continua a estudar a Bíblia.

Aqui fica a essência do seu testemunho pessoal. “Desde que conheci a equipa do 'Viver + sobre rodas' tudo mudou. [...] Sinto uma vida nova a crescer em mim com a graça de Deus. Também tomei co-

nhecimento do trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia. É emocionante a alegria que sinto ao estudar a Bíblia. [...] Jesus tocou o meu coração e mostraram-me o caminho. É difícil dizer por palavras o que sinto. [...] Hoje bendigo o dia em que encontrei esta nova família feliz, que já considero como minha e onde me sinto amada e acarinhada.”

Conclusão

Tenho a certeza de que este projeto é apenas um abrir de portas. Temos consciência de que poucos foram os hábitos saudáveis inculcados nas pessoas com que tivemos contacto, mas sem dúvida que a semente ficou. Temos a certeza de que o projeto foi um sucesso. A obra médico-missionária assim realizada abre a porta do coração daqueles que buscam a vida. A verdadeira vida. Este projeto tem que continuar pela Graça de Deus. Esta é a certeza de todos os que viveram esta primeira experiência. Deus seja louvado! ✨

• **Cristina Gualdino**
Enfermeira

1. Os nomes reais foram substituídos por nomes fictícios para proteger a privacidade das pessoas mencionadas.

OFERECE-SE UMA RECOMPENSA

Quando Florence Nightingale e as suas enfermeiras chegaram ao hospital de guerra britânico em Scutari, na frente da Crimeia, as condições eram piores do que aquilo que tinham ouvido. Elas constataram a existência de sujidade, infeções, desorganização e excesso de pacientes. Cargas inteiras de suprimentos médicos muito necessários estavam armazenadas no porto, enquanto homens morriam por falta deles, simplesmente porque algum oficial não tinha preenchido os formulários necessários. Neste ambiente, 42% dos feridos não chegavam a recuperar. Para mudar esta situação foi necessário todo o treino e toda a dedicação de Florence Nightingale.

Florence tinha nascido em Florença, na Itália (daí o seu nome), em 1820, numa família inglesa abastada. Ela viajou muito e frequentou festas com a “elite da sociedade” na herdade da família, no Derbyshire. Quando tinha 16 anos, recebeu um chamado de Deus: “No dia 7 de fevereiro de 1837”, escreveu ela, “Deus falou-me e chamou-me para o Seu serviço”.

O chamado tinha sido tão audível como misterioso – para que serviço? Seguiram-se sete anos de incerteza. Apesar das objeções da família, Florence começou a “visitar as cabanas”, levando comida e

medicamentos aos pobres lavradores que viviam nas terras da sua família. Depois, começou a pensar sobre formar-se como enfermeira. A sua família ficou escandalizada. No início do século XIX, as enfermeiras eram consideradas como trabalhadoras não especializadas e tinham má fama. As verdadeiras senhoras da sociedade – como Florence – deviam manter uma bela casa, oferecer festas e ser brilhantes conversadoras.

Em 1844, o casal filantropo americano constituído por Samuel e Julia Ward Howe visitou o lar de Florence Nightingale. Florence perguntou-lhes: “Pensam que seria inadequado para uma jovem inglesa devotar-se a obras de caridade em hospitais?” O Dr. Howe respondeu: “Seria pouco habitual, e em Inglaterra o que é pouco habitual é considerado inadequado. Mas eu digo-lhe: Vá avante com o seu plano!” Depois disto, ela escreveu: “A partir daqui nunca mais tive dúvidas sobre qual era o trabalho que Deus tinha para mim.”

Esse trabalho não começou senão após terem passado mais nove anos. Tinham que ser vencidas as objeções da família. Entretanto, Florence estudou enfermagem, primeiro lendo manuais, depois visitando hospitais europeus e, por último, praticando enfermagem em

hospitais na Alemanha, Inglaterra e França. Ela era diretora de um lar para “senhoras inválidas” quando rebentou a Guerra da Crimeia (1854-1856).

Quando ouviu falar sobre as condições deploráveis da assistência aos feridos na frente de batalha, Florence Nightingale levou consigo 38 enfermeiras para remediar a situação. Ela acabou por reorganizar os pavilhões do hospital, instalando uma cozinha, uma lavandaria e novas latrinas. Ela obteve mantimentos, ultrapassando entraves burocráticos ou comprando-os com dinheiro seu. Criou salas de leitura e de recreação para os pacientes, escreveu às famílias dos internados e proveu um meio seguro de enviar por correio o soldo dos soldados feridos para as respetivas famílias. Os soldados feridos adoravam-na e chamavam-lhe “A senhora da lâmpada”, porque ela levava sempre consigo uma lanterna turca quando fazia as suas rondas noturnas pelo hospital.

Os seus esforços tiveram resultados extraordinários: a taxa de mortalidade entre os internados desceu de 42% para menos de 3%. Florence Nightingale fora verdadeiramente chamada por Deus para servir como uma dedicada enfermeira apostada em salvar vidas. ✨

Retirado da revista Guide

VOZES DA

O ESPÍRITO DE SAN ANTONIO

Ricardo Lopes



Participar na 60ª Assembleia da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi uma

enorme bênção para mim e para a minha família. Foram onze dias intensos, com uma agenda totalmente preenchida, dado que, para além dos trabalhos diários dos delegados, havia a decorrer em simultâneo vários programas e diversos eventos de grande interesse.

O que logo impressiona qualquer participante é a ordem subjacente a toda a preparação deste evento, o que traz à lembrança as palavras de Paulo: “Mas façam-se tudo decentemente e com ordem” (I Cor. 14:40). Os trabalhos centraram-se em diversos aspetos importantes para a organização e a doutrina da Igreja, abrangendo desde a eleição da Administração da Conferência Geral e das Divisões até à discussão e votação da proposta da comissão de estudo sobre a teologia da ordenação, passando pela revisão das emendas ao Manual de Igreja, às crenças fundamentais e à constituição. Os delegados votaram também uma declaração de crença na Bíblia e nos escritos de Ellen White. Tudo isto foi feito com apoio na oração,

na Palavra de Deus e no Espírito de Profecia, “esse Espírito de verdade que nos guia em toda a verdade” (João 16:13).

Para além dos trabalhos havia três pavilhões com dezenas de *stands* de vários ministérios, que apresentavam material para todas as áreas de ação, principalmente focado na missão. Não há dúvida de que a Igreja tem uma impressionante “diversidade de dons” (I Cor. 12:4), mas o que mais nos marca é que todos os crentes estão comprometidos com a missão que nos foi confiada de “ir e fazer discípulos de todas as nações” (Mat. 28:18).

Simultaneamente decorriam, em vários pontos do centro de convenções, concertos e palestras, tendo principalmente como temas a oração, a família, o evangelismo e a Escola Sabatina. A universalidade do movimento Adventista é aquilo a que ninguém pode ficar indiferente. Estavam presentes representantes de quase todos os países do mundo, com diferentes culturas e idiomas, mas com uma característica importante em comum: O mesmo objetivo de proclamar as três mensagens angélicas e a mesma certeza expressa nas palavras de Paulo: “A bem-aventurada esperança do aparecimento da glória do nosso Senhor” (Tito 2:13).

Ter tido a oportunidade de, juntamente com cerca de 70 000 pessoas, adorar Deus no grande

pavilhão, acompanhados por orquestras e coros tão brilhantes, foi algo de maravilhoso. Quando a congregação louvava Deus, viviam-se momentos de grande emoção e regozijo. Se Deus diz que o que tem preparado para nós são “coisas que o ouvido não ouviu” (I Cor. 2:9), como será então o louvor no Céu?

Cada noite, o irmão James R. Nix, diretor do *White Estate*, o Instituto que tem a responsabilidade de manter, promover e estudar os escritos de Ellen White, apresentou histórias inspiradoras e documentos de grande interesse relacionados com os pioneiros. Um dos pontos altos na aprendizagem sobre a vida e os ensinamentos desses homens e mulheres de fé e coragem foi o pôr do Sol de sexta-feira, dia 10 de julho. Cantámos alguns dos hinos preferidos de Ellen White, acompanhados por um órgão do século XIX. Ao entoar esses cânticos, os cerca de 50 mil crentes presentes ficaram a saber como a música fazia parte da fé pessoal da serva do Senhor. Sim, Ellen White vivia as realidades do Céu e os cânticos que mais apreciava apontavam para a ação missionária e para a eternidade. Por isso o tema dessa noite foi “Cânticos de Sião”, fazendo-nos ter um vislumbre do que será cantar na cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, juntamente com as incontáveis hostes de anjos descritos em Hebreus

A IGREJA

12:22. Através dos testemunhos das suas netas percebemos que ninguém na sua família queria perder os cultos domésticos, especialmente os cultos do pôr do Sol de sexta-feira.

Apesar de todos os aspetos extraordinários que descrevi, não há dúvida de que o que mais sobressaiu em toda a Sessão da Assembleia da Conferência Geral foi o compromisso da Igreja com a missão: Chamar todas as pessoas para se tornarem discípulas de Jesus Cristo, proclamando o Evangelho eterno de acordo com as três mensagens angélicas, e preparar o mundo para a breve volta de Jesus.

Neste último quinquénio (de 2010 a 2015), juntaram-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia mais de cinco milhões de pessoas, e

estão já registados nos livros da Igreja mais de dezoito milhões de Adventistas. Se é verdade que Deus não Se deve impressionar com números, também é claro que isto só pode ser resultado de um enorme foco na evangelização. Por outro lado, não podemos esquecer que mais de 1 milhão de pessoas abandonaram a Igreja de Deus em todo o mundo. Mas como “Deus não tem prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho” (Eze. 33:11), o Espírito Santo continua a trabalhar com essas pessoas para que façam parte dos conversos no próximo quinquénio. No mesmo contexto, é-nos ainda recordada a nossa responsabilidade individual: “Se tu não falares para dissuadir o ímpio do seu caminho, ele mor-

rerá na sua iniquidade, porém o seu sangue eu o requererei da tua mão” (Eze. 33:8).

Tendo como lema “Crede nos seus profetas” (II Cró. 20:20), foi deixado um desafio a toda a Igreja para o próximo quinquénio: Ler a Bíblia em paralelo com os livros da série *O Grande Conflito* de Ellen White. No site www.revivalandreformation.org, podemos solicitar o envio dos planos de leitura, assim como outros materiais para estudo e oração pessoal. Recebe-se diariamente, por *email*, a leitura que é proposta e esse será o material para o culto matinal em família. Animo todos a seguirem o plano, pois há uma promessa no texto de II Crónicas: “Crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros, crede nos seus profetas e prosperareis.”

A extraordinária oportunidade de participar num evento como este trouxe-nos uma enorme responsabilidade. Após uma avaliação, concluímos que nos devemos envolver mais na missão da Igreja, individualmente e como família. Encorajo-vos também a usar os dons que o Espírito Santo nos dará quando nos colocarmos à Sua disposição para, desta forma, cumprirmos o lema desta Sessão da Conferência Geral, baseado em Isaías 60:1: “Levanta-te! Resplandece! Jesus vai voltar!” ✨

• **Ricardo Lopes**
Delegado



©Daniel Gallardo/IAD

Simão, o Fariseu



SEMPRE ME INCOMODOU O QUE JESUS DISSE A SIMÃO, ISTO É, QUE AS PESSOAS REALMENTE MÁIS TÊM VANTAGEM QUANDO SE TRATA DE AMAR DEUS. POR QUE RAZÃO DIRIA JESUS UMA COISA DESTAS?

Todos os Evangelhos contam a história em que Maria ungiu Jesus. Mas Lucas inclui uma afirmação de Jesus que me deixa perplexa. Ele diz a Simão que aqueles a quem muito foi perdoado amam muito Deus e aqueles a quem pouco foi perdoado amam pouco Deus (Lucas 7:47). É como se Ele estivesse a dizer a Simão que apenas as pessoas que foram “grandes” pecadoras podem verdadeiramente amar Deus. Dado que eu sempre tenho sido uma rapariga de Igreja, “boa” e “moral”, isto parece-me bastante injusto! No entanto, recentemente o Espírito Santo deu-me uma nova perspetiva que me ajudou a compreender melhor a afirmação de Jesus. De modo a apreciar essa afirmação, eu precisava de perspetivar a história do ponto de vista de Simão.

Lendo com Simão

Simão era um Fariseu e os Fariseus guardavam a Lei. O único problema visível de Simão era a sua lepra. Quando Jesus o curou, Simão, o Fariseu, corajosamente declarou-se seguidor de Jesus. Para

expressar a sua gratidão, Simão organizou uma festa em honra de Jesus e convidou Lázaro e muitos dos Fariseus mais influentes na sociedade judaica para se juntarem a ele. Que melhor maneira existiria para ajudar os Fariseus e os líderes judeus a aceitarem Jesus do que fazê-los confraternizar juntos numa sumptuosa refeição?

Tudo correu bem, até que a famosa irmã pecadora de Lázaro penetrou no banquete e fez a sua oferta a Jesus. Ela caiu aos pés de Jesus, soluçando, cheia de gratidão pela mudança que Ele tinha operado na sua vida. Ela usou as suas lágrimas para lavar o pó dos pés de Jesus. O seu cabelo foi a toalha que os secou. Então, ela quebrou um vaso de alabastro contendo um caro perfume e, entre os seus beijos, ungiu com ele os pés de Jesus.

Simão não ficou satisfeito. Mesmo tendo reformado a sua vida, a presença de Maria na sua casa era uma causa de embaraço. Mais importante do que isso, as ações dela, a aquiescência de Jesus e o penetrante perfume estavam a destruir qualquer possibilidade de reconci-

liação entre Jesus e os Fariseus. Simão não podia compreender como Jesus, um profeta e um taumaturgo, podia deixar aquela mulher tocar-Lhe, sabendo que esse ato estava a destruir a Sua reputação.

A afirmação perturbadora de Jesus

Jesus sabia o que Simão estava a pensar e contou-lhe a história de dois devedores que deviam dinheiro à mesma pessoa. Um devia-lhe 500 denários e o outro 50 denários. Sendo um denário o salário de um dia de trabalho, a primeira dívida montava a um ano e meio de salário; a segunda dívida representava apenas dois meses de salário. Nenhum dos devedores podia pagar a dívida, pelo que a pessoa que lhes tinha emprestado o dinheiro perdoou a dívida a ambos. Jesus perguntou então a Simão: “Na tua opinião, qual dos devedores amará mais o credor?” “Aquele que lhe devia mais.”

“Estás certo”, respondeu-lhe o Mestre. Disse então Jesus: “Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem



pouco é perdoado, pouco ama” (Lucas 7:47).

Aí está a afirmação perturbadora de Jesus! Simão deve ter ficado tão incomodado com esta afirmação como eu. Afinal, tanto Simão como a mulher estavam a oferecer uma dádiva a Jesus como expressão da sua gratidão pelo que Jesus tinha feito por eles. Ambas as dádivas eram onerosas. Na verdade, tanto quanto sabemos, a festa organizada por Simão pode ter custado tanto quanto o elogiado perfume de Maria. Além disso, a oferta de Simão tinha por alvo não apenas honrá-lo, mas também melhorar a relação de Jesus com os Fariseus. A oferta aromática de Maria era obviamente irrefletida, ou ela teria realizado o seu ato num momento e num local mais resguardados, tendo à mão água e uma toalha. No entanto, Jesus parece ter ficado mais agradado com a oferta de Maria do que com a oferta de Simão, apenas porque Maria, tendo-lhe sido perdoada uma dívida “maior”, amava-o mais do que Simão.

Significa isto que a única forma pela qual eu posso verdadeiramente amar Deus é tornar-me numa “grande” pecadora, de modo a que Deus tenha muito para me perdoar? Paulo discorda enfaticamente: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum” (Romanos 6:1 e 2).

Então, o que está Jesus a querer dizer? Qual era, verdadeiramente, a diferença entre Simão e Maria? Residia ela no tamanho do pecado de Maria ou há algo mais a compreender?

É tudo o mesmo

Estas eram as questões que me assediavam até que o Espírito Santo me fez ver que, na realidade, as dívidas de Simão e de Maria eram iguais. Pois “Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23). “Todas as nossas justiças [incluindo as de Simão e Maria] são como trapo da imundície” (Isaías 64:6). Mas enquanto Maria tinha pecados óbvios, que todos podiam identificar e condenar, os pecados de Simão estavam escondidos. Enquanto a mulher reconhecia a sua necessidade de perdão e de um Salvador, Simão não tinha pecados óbvios, pelo que sentia pouca necessidade de perdão e de um Salvador. A terrível verdade é que “Simão induzira ao pecado a mulher que agora desprezava”.¹ Assim, não admira que Jesus pudesse denunciar o seu grupo: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas, interiormente, estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundície. Assim, também, vós, exteriormente, pareceis justos aos homens, mas, interiormente, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade” (Mateus 23:27 e 28).

O problema de Simão e o meu problema residem no facto de Deus estar muito mais preocupado com o que está no meu coração do que com o que eu faço. “Porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração” (I Samuel 16:7). Assim, Jesus afirma que mesmo os pensamentos sobre homicídio ou adultério são pecado (Mateus 5:21-48). Porquê? “Porque do coração

procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfémias. São estas coisas que contaminam o homem” (Mateus 15:19 e 20). Por outras palavras, o pecado nasce na mente.

Conclusão

Falando de um ponto de vista exterior, os meus pecados podem parecer poucos e a minha dívida pequena. Eu estou grata pelo perdão da minha dívida, mas não estou subjugada pela gratidão. No entanto, quando deixo que Deus me mostre “os ossos de mortos e toda a imundície” dentro da minha alma, então compreendo que, como Paulo, eu sou “o principal dos pecadores”. Eu reconheço a magnitude da minha dívida e o perdão de Deus adquire para mim um novo sentido.

Era isto que faltava a Simão. Ele estava verdadeiramente grato por Jesus o ter curado da lepra. Ele queria verdadeiramente demonstrar a sua gratidão. Mas o Espírito Santo não tinha tido liberdade para revelar-lhe o seu pecado escondido, pelo que não buscou perdão para ele. Foi-lhe perdoado pouco e, por isso, pouco amou.

Agora, em vez de me sentir excluída quando vejo “grandes” pecadores expressarem o seu profundo amor pelo Deus que os redimiu, eu oro para que Deus abra os meus olhos, de modo a que eu veja o “grande” pecado dentro do meu coração, para que veja com visão clara a terrível imoralidade de todo o pecado – visível ou invisível – de modo a que possa pedir o Seu perdão para a “totalidade” da minha dívida. Então também eu serei capaz de amar muito, porque muito me foi perdoado! ♣

• Janet Salazar
Professora

1. Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, p. 480.



Mas, afinal, Quem é o Espírito Santo?

De imediato, a pergunta parece estar deslocada, se provém de nós, homens e mulheres empenhados na vida comunitária da Igreja, dado que todo o crente, membro do corpo de Cristo, que é a Sua Igreja Universal (Efé. 5:23, 30), deve saber Quem é o Espírito Santo; nomeadamente, devemos saber que Ele é uma Pessoa co-eterna com o Pai e com o Filho, tendo os mesmos atributos, e sendo co-Criador do Universo, em geral, e do homem, em particular. De facto, o Espírito Santo é um dos agentes divinos na criação e restauração da criatura humana.

Mas, concretamente, temos de admitir que a questão nos interpela e que é de atualidade, a julgar pela mornidão das nossas práticas cristãs eclesiais (Apoc. 3:15), sem falar no ar viciado de crónico formalismo que se respira aqui e ali durante um sermão, uma reunião de oração, uma assembleia espiritual e, mesmo, uma campanha de

evangelização. Este formalismo é patente na maneira de pregar, de orar, de cantar, de ensinar, de acolher, de conviver, de comunicar, de se comportar e de se apresentar. Fazemos tudo isto enquanto indivíduos que pertencem à mesma comunidade, uma comunidade que se deseja unida e harmoniosamente bela a todos os níveis. Que enorme responsabilidade!

Onde está o Espírito de Deus?

Para resumir este ponto, diremos que, pela nossa vivência medíocre, damos a impressão ao mundo que nos rodeia de que o Espírito Santo parece não estar interessado em nós e de que é indiferente e insensível a tudo o que se passa no planeta Terra. Dir-se-ia que somos aparentados com os que ensinam a teologia da morte de Deus. Isto é, que Ele não Se manifesta, não dá sinais de vida, logo está morto para a Igreja, para o mundo, para o indivíduo. Ou então, como crentes na Palavra que é

a Verdade (João 17:17), cremos no Espírito divino, decerto, mas dispensamo-l'O pura e simplesmente da nossa vida. Não precisamos d'Ele, portanto? Isto é grave!

Onde está o problema? Não nos está a faltar qualquer coisa? Certamente sim. Então do que se trata? A resposta vem primeiramente de Ezequiel 37:9: “Assim diz o Senhor Jeová: vem dos quatro ventos, ó espírito [em hebraico “espírito” é igual a “sopro” ou “vento”] e assopra sobre estes mortos para que vivam.” E o versículo 11 remata: “Esses ossos são toda a casa de Israel.” No encontro com Nicodemos, Jesus fez lembrar a esse “mestre em Israel” o texto do profeta, em que o Espírito é explicado e compreendido através de expressões metafóricas como sendo um “vento” ou um “sopro”, isto é, em que o Espírito é comparado, na Sua ação, ao ar em movimento. “O vento assopra onde quer” (João 3:8). Assim, o Espírito sopra onde quiser, quando quiser, porque Ele detém

a autoridade, Ele governa a Igreja e o mundo, mesmo tendo o domínio deste último sido usurpado pelo grande adversário.

Ora, a questão é a de saber se esse “vento” (o tal sopro que nos falta) não encontra resistência da parte dos professos filhos de Deus. Tendo autoridade divina, Ele pode arrasar tudo. Ele tem esse direito. Fá-lo-á ou não dependendo dos Seus desejos, que são sempre justos, e das Suas decisões, que são sempre boas. E como Ele é justo e bom, esse “Espírito de verdade, [que] vos guiará em toda a verdade” (João 16:13), nem sempre insiste conosco (infelizmente!), mas respeita sempre as nossas opções provenientes de uma natureza decaída (o homem natural, não regenerado, que “não compreende as coisas do Espírito de Deus”, segundo a teologia de Paulo [I Cor. 2:14]), natureza essa mal iluminada, mal fundada.

Uma tal situação, que não escapa ao crente sincero, constata-se no nosso *modus vivendi*, nomeadamente no pensar e agir quotidianos, à boa maneira do rei Asa, que só confiou no rei da Síria num

projeto para manter a estabilidade do reino de Judá e que só confiou nos seus médicos assistentes durante a sua grave enfermidade (II Crónicas 16). E, no entanto, de maneira geral, “Asa fez o que era reto aos olhos do Senhor seu Deus” (II Crónicas 14:2).

Eis aqui o drama de todo o crente que se apega ao seu Deus Redentor, Pai amantíssimo para com as Suas criaturas inteligentes: O filho crente tem fé no seu Pai, mas nem sempre. Porquê? Porque as influências exteriores à sua cultura cristã, os condicionalismos ambientais da civilização em que vive e os estatutos sociais privilegiados de que porventura goza levam a melhor sobre a sua fé, dando uma sensação e uma aparência de segurança.

Ah!, o charme, arrogantemente discreto, da cultura social das novas burguesias! A atração dos estereótipos da imagem mediática! A confiança nas técnicas de ponta! O conforto sagrado de uma casa bem equipada! Uma bonita conta bancária para o que der e vier! E um Jeep que se gaba de fazer Lisboa-Vilamoura em... 100 minutos!?

Ilusão fatal! Asa terminou os seus dias num sofrimento atroz, “grande por extenso era a sua enfermidade”, mas nem por isso buscou o Senhor, nem sequer quis o Seu vidente à sua mesa de cabeceira, antes o maltratou, lançando-o no calabouço, porque ele o condenou da parte de Deus por confiar só no homem. E “maldito o homem que confia [só] no homem” (Jeremias 17:5).

Que pena que este homem, um dos raros reis notáveis de Israel, se tivesse esquecido do encontro que teve com Azarias, o profeta, que o interpelou com as seguintes palavras: “O Senhor está convosco, enquanto estais com ele. Se o buscardes, o achareis, porém se o deixardes, ele vos deixará” (II Cró. 15:2). Palavras inspiradas pelo Espírito Santo (Compare II Pedro 1:21 com II Crónicas 15:1).

A promessa

O Senhor Jesus promete estar conosco todos os dias (Mateus 28:20) por intermédio do Seu Espírito, isto é, do Seu representante. Os discípulos receberam-n'O depois da Ressurreição através de um

sopro (João 20:22). Se no dia de hoje possuíssemos o sopro do Espírito, como tudo seria diferente na nossa existência e na vida da nossa igreja local! Contudo, se crermos no que lemos em Lucas 11:13, tê-lo-emos da mesma maneira.

O Pai julga. O Filho intercede. E o Espírito governa, não podendo passar despercebido por aquele que O busca. Ele não é nenhum desconhecido para aquele que com Ele convive e que se submete à Sua vontade. Ora, o indivíduo empenhado numa verdadeira vivência cristã e guiado pelo Espírito de Deus (Rom. 8:26) adota uma atitude própria do que os autores evangélicos ingleses chamam “*counter-culture*”, que poderíamos traduzir por “anti-cultura” ou “não conformismo” com uma sociedade sem Deus, uma sociedade como a nossa, que se tornou pós-cristã. Não se trata de nos alhearmos da nossa sociedade, de nos isolarmos dela, de ignorá-la, de desprezá-la, como

se fôssemos ermitas fugindo à responsabilidade no seio da comunidade humana, da qual fazemos todos parte. Trata-se, antes, de não assimilarmos as suas filosofias, os seus dogmatismos, as suas tradições, porque estas estão nos antípodas do pensamento da Divindade e da Sua autoridade universal.

Em conclusão, porque não nos decidirmos, como crentes responsáveis diante de Deus e da Igreja, a criar um novo tipo de relação com o nosso *Paracletos* (Isto é, Advogado [João 14:16])? Ele que intercede por nós com gemidos inexprimíveis (Romanos 8:26), Ele que nos guiará em toda a verdade (João 16:13) e nos ensinará todas as coisas (João 14:26). Como ousaremos ser-Lhe indiferentes?

Esta reflexão leva-nos a compreender o nosso primeiro mal enquanto Igreja-comunidade (diferente do conceito de igreja-instituição): sermos privados voluntariamente do dom do Espírito. Ellen

White, numa declaração com mais de um século, escreveu em 1899 o seguinte: “O tesouro mais precioso que o homem pode receber é o dom do Espírito Santo” (*The Bible Echo*). E como defini-l’O? Como compreendê-l’O? Como adotá-l’O? Este será o assunto que nos proporemos tratar num próximo artigo.

Conclusão

Não podemos deixar de acrescentar, para terminarmos por agora, que o Espírito Santo é a maior autoridade que existe sobre a Terra, como representante de Deus, o Pai, e de Deus, o Filho. Ele gere e governa tudo. Ele é o elemento regulador por excelência, para estabilizar tudo o que as forças do mal desestabilizam. Como poderia ser de outra maneira? As Escrituras revelam (no Antigo e no Novo Testamentos) que todo e qualquer poder, que toda e qualquer autoridade – a começar em casa, passando pela empresa, até chegar ao governo da nação – é dada por Deus, através do Seu Espírito, pois Este é o primeiro e o último a dar ordens, as quais acabam sempre por ser cumpridas e satisfeitas. A verdade e a justiça, em todos os estádios da vida, triunfarão sempre. E o binómio Verdade-Justiça, no sentido lato da terminologia bíblica, é uma Pessoa: Jesus, representado pelo Seu Espírito. O Espírito, este Vigário do Deus trinitário e Governador do mundo, dirige especialmente entre os homens o reino de Deus, espiritual e invisível, inaugurado pelo Messias, Jesus, e confirmado pela morte e ressurreição de Cristo. Assim, o Espírito prepara o governo físico e pessoal do Filho de Deus, que regressará em glória quando entender. ✨

• **Paulo Tito Falcão**
Pastor



Como encontrar equilíbrio na vida cristã?



Há algum tempo ouvi de alguém o seguinte: “Eu vou orar no monte todos os dias, porque lá receberei poder de Jesus.” A atitude de orar no monte é excelente, pois Jesus também o fazia. O problema desta pessoa está em dizer que foi orar no monte. Jesus disse: “E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu

galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente” (Mateus 6:5 e 6). Não é fácil ser um Cristão equilibrado nos dias de hoje, pois temos que conjugar a vida quotidiana com a vida devocional. Ter que trabalhar, trazer o sustento para casa, cuidar da família, ter tempo para recreação e ainda ser discípulo de Jesus pode ser difícil para algumas pessoas. Só conseguimos ter equilíbrio quando

conhecemos realmente Deus e procuramos andar de acordo com os Seus mandamentos.

A necessidade de equilíbrio

A Bíblia menciona a seguinte reflexão de Paulo: “Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4:1-3).

ANDAR DE MODO DIGNO SIGNIFICA VIVER UMA VIDA CRISTÃ EQUILIBRADA.

SER DESEQUILIBRADO, À VISTA DOS HOMENS, É O MESMO QUE SER HIPÓCRITA, E JESUS CONDENA A HIPOCRISIA COM TODAS AS SUAS FORÇAS.

Andar de modo digno significa viver uma vida cristã equilibrada. Ser desequilibrado, à vista dos homens, é o mesmo que ser hipócrita, e Jesus condena a hipocrisia com todas as Suas forças. O cristão hipócrita vive de forma que não é coerente com aquilo que Deus exige na Sua Palavra. As suas ações não correspondem às suas crenças. O texto de Efésios que citamos indica algumas qualidades do cristão equilibrado que envolvem dois aspectos: o aspecto emocional e o aspecto espiritual. Tanto o intelecto quanto as emoções fazem parte da constituição humana e ambos precisam de estar em equilíbrio. Assim, cabe ao Cristão entender que deve controlar as suas emoções. Mesmo porque o crente em Cristo deve aprender a deixar o Espírito Santo controlar os impulsos carnis do coração.

Características do crente equilibrado

Como seria bom encontrar o crente perfeito! Mas como isso não é possível aqui na Terra, tenho que procurar aproximarme do meu modelo, que é Cristo. Ele disse: “Assim sendo, sede vós perfeitos como perfeito é

o vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:48).

Como vive um crente equilibrado?

1. O crente equilibrado é humilde. Um crente equilibrado tem como marca a humildade. O crente humilde não se coloca acima dos outros, não deseja a posição do outro, nem as coisas do outro. O Evangelho de Jesus propõe uma nova maneira de viver: viver com humildade. Ser humilde é uma questão de maturidade emocional e cristã. O Cristão tem como uma das suas maiores fraquezas a tendência para o extremismo ou para a frouxidão. É preciso procurar a coerência no modo de viver e a humildade faz toda a diferença na vida dos Cristãos. O crente equilibrado, quando é chamado à

atenção por causa de palavras ou de atos inadequados, agradece o aviso e acata os conselhos.

2. O crente equilibrado é coerente. A vida do Cristão deve corresponder à sua profissão de fé. Estar na igreja não significa automaticamente ter uma vida pura. É preciso ir muito mais além. A minha fé deve influenciar diretamente a minha vida prática e aquilo em que eu creio deve estar presente nos meus atos. Há muitos crentes que vivem apresentando uma fachada, sem seguirem o modelo que é Jesus Cristo. Uma vida cristã autêntica deve assentar na coerência entre o que se diz e o que se pratica. Se olharmos para a história dos Fariseus, veremos homens que viviam sem coerência. Tinham um discurs-



so edificante, porém praticavam uma coisa diferente.

3. O crente equilibrado é manso. A mansidão é fruto do Espírito Santo. A mansidão é revelada nos momentos mais difíceis da vida. Nas adversidades o crente deixa o Espírito Santo controlar o seu eu interior. O manso não usa a sua força para magoar ou maltratar o próximo. O crente manso saberá dosear a sua força, tendo respeito e consideração pelo seu irmão.

4. O crente equilibrado é paciente. Paciência significa ter longo ânimo. Daí vem a palavra “longânimo”. Ser longânimo significa suportar com paciência pessoas provocadoras – tal como, em Cristo, Deus teve paciência conosco –, mas significa também suportar as vicissitudes da vida. Ser longânimo significa não ser precipitado nas palavras e nos atos. O cristão equilibrado saberá tolerar pessoas provocadoras e demonstrará que o seu padrão de comportamento é baseado no exemplo de Cristo e não nos modelos do mundo. Um insensato certamente responderia à provocação; porém, aquele que é equilibrado sabe ser paciente e

espera que Deus aja em seu favor.

5. O crente equilibrado é amoroso. Em Gálatas 5:22 Paulo afirma que o amor é parte do fruto do Espírito Santo. O amor é a base do Cristianismo. Assim, uma vida cristã bem-sucedida é cheia de amor. O amor é a coroa e a soma de todas as virtudes cristãs. O crente equilibrado está disponível para amar a família, a Igreja de Cristo e a sociedade. Ele aceita os cargos da igreja que lhe são confiados, ele cuida dos filhos, não deixa faltar alimento e abrigo à família, é bom cônjuge e está disposto a socorrer as pessoas que dele necessitam.

6. O crente equilibrado é um abençoador. John Kennedy disse o seguinte: “Não pergunte o que o teu país pode fazer por ti. Pergunta o que tu podes fazer pelo teu país.” Como filhos de Deus, temos o dever de atrair pessoas para o reino dos Céus. Em Lucas encontramos este texto que nos induz a sermos abençoadores: “E, em qualquer casa onde entrardes, dizei primeiro: Paz seja nesta casa. E, se ali houver algum filho de paz, repousará sobre ele a vossa paz; e, se não, voltará para vós”

(Lucas 10:5 e 6). O crente equilibrado abençoa os outros, não os critica. Sempre que tem de chamar a atenção de um pecador, ele fá-lo com discrição e amor.

Conclusão

Há algum tempo alguém me contou que certo pregador lhe tinha dito que 90% das pessoas que estavam presentes naquela igreja estarão perdidas na volta de Cristo. Outra pessoa pregou dizendo que comer carne era pecado, porque no Céu não vai haver carne como alimento. Algumas pessoas afirmam coisas que não têm sustentação bíblica e mostram assim o seu grande desequilíbrio emocional e espiritual. O crente equilibrado saberá lidar com as questões diárias da sua vida e ainda contribuirá para o avanço do reino de Deus com alegria e equilíbrio. Todos nós estamos a estudar na escola de Cristo e estamos a aprender para a eternidade. Que possamos viver a fé cristã com equilíbrio, de modo a honrarmos Jesus, o nosso Senhor. ✦

• **Luís Carlos Fonseca**
Pastor

MEDITAÇÕES MATINAIS 2016

DO CONHECIDO AUTOR CARLOS PUYOL



9,50€

Da **RESPOSTA** aos desafios da **EXISTÊNCIA** à compreensão do **CURSO DA HISTÓRIA**, um livro com mensagens diárias com uma certeza: **DEUS ESTÁ MESMO AO LEME.**

**FAÇA A SUA ENCOMENDA NA LIVRARIA
— DA SUA IGREJA —**

ACOMPANHE ESTA E OUTRAS NOVIDADES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

 twitter.com/PSerVir

 facebook.com/PSerVir